

BOLETIM DA CMF Nº 60

JUNHO 2016

ISSN 1516-1781

**EDITORIAL, 2**

**SÃO JOÃO SEM PAPETE ?, 2**

*Mundicarmo Ferretti*

**O EGITO NA MEMÓRIA DA COMUNIDADE DO CAJUEIRO, 3**

*Sergio Ferretti*

**FESTAS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO MARANHÃO: UMA APROXIMAÇÃO DE CONJUNTO, 10**

*Jandir Gonçalves e João Leal*

**O MEU BOI MORREU: O RITUAL DE MORTE DO BUMBA BOI “REI DA BOIADA”, 17**

*Calil Felipe Zacarias Abrão e Priscila de Moura Souza*

**BRINCADEIRA DE SALÃO: OS BICHOS DE ROSÁRIO, 23**

*Lilian Brito Alves*

**OS ENCANTOS E ENCANTADOS DE UMA PESQUISADORA, 25**

*Luiz Assunção*

**FLORÊNCIA AMARAL DOS SANTOS, 28**

*Heraldo Atabiodan*

**RESUMOS E RESENHAS, 32**

*GP MINA*

**NOTÍCIAS, 34**

*Roza Santos*

**PERFIL DE CULTURA POPULAR: PAPETE --JOSÉ DE RIBAMAR VIANA, 36**

*Sergio Ferretti*

**COMISSÃO MARANHENSE DE FOLCLORE - CMF**

CNPJ 00.140.658/0001-07

**DIRETORIA 2015-2017**

Presidente: Mundicarmo M.R. Ferretti

Vice-Presidente: Joila da Silva Moraes

1º Secretário: Roza Maria dos Santos

2º Secretário: Lilian Brito Alves

1º Tesoureiro: Eliane Gaspar Leite

2º Tesoureiro: Flávia Andresa O. de Menezes

**BOLETIM - Edição**

Mundicarmo M.R. Ferretti

Roza Maria dos Santos

Sergio Figueiredo Ferretti

Zelinda de Castro Lima

**Correspondência**

COMISSÃO MARANHENSE DE FOLCLORE - CMF

CASA DE NHOZINHO

Rua Portugal, 185 – Praia Grande

CEP 65010-480 – São Luís-MA

**CONSELHO EDITORIAL**

Lenir Pereira dos S. Oliveira

Mundicarmo M.R. Ferretti

Mundinha Araújo

Roza Maria dos Santos

Sergio Figueiredo Ferretti

Zelinda de Castro Lima

**Revisão de texto**

Maria de Lourdes R. de Carvalho

**Diagramação:** Riba Silva

**Versão INTERNET:**

[www.cmfolclore.ufma.br](http://www.cmfolclore.ufma.br)

**Fone:** (0xx98) 3218-9952; (0xx98) 3218-9951

As opiniões publicadas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não comprometendo a CMF





dançantes incorporavam suas entidades. Ouvimos depoimentos de filhos de santo de muitos terreiros de mina que participaram destas festas e dizem ter visto o navio de Dom João.

Soubemos por Carolina Martins, esposa do professor Élio Pantoja da UFMA, que participa de nosso grupo, que pesquisadores de outro grupo, o GEDMA (Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente da UFMA), estão realizando pesquisas junto a moradores do bairro do Cajueiro, na região do Porto do Itaqui, ameaçados por empreendimentos do setor industrial e portuário de expulsão das terras em que habitam tradicionalmente há muitos anos. Pesquisadores do GEDMA, em contato com os moradores da área do Cajueiro, constataram que ao lado dela existe um morro de onde se avista o porto e onde os moradores mais velhos lembram que até a década de 1970 funcionou o Terreiro do Egito.

Pelas pesquisas que temos realizado com nossos alunos em jornais e outros documentos, até agora, não encontramos ainda referências ao funcionamento do Terreiro do Egito. O livro “O Cativo”, do escritor maranhense Dunshee de Abranches, afirma que no século XIX havia quilombos nesta região. Na memória oral do povo de santo em São Luís e do interior, o Egito é muito lembrado como terreiro de mina atuante desde os idos do século XIX. Teria sido fundado por Mãe Basília Sofia (Nha Bá), uma africana que foi escravizada e depois liberta e que, ao morrer, foi substituída por Mãe Pia, que assumiu sua direção desde cerca de 1912 e o governou até falecer, com muita idade, por volta de 1970. Depois disto alguns pais e mães de santo ligados ao Egito, como dona Celestrina do Engenho, Verônica, do bairro de Fátima, pai Euclides, da Casa Fanti Ashanti, e outros, tentaram dar continuidade ao terreiro, mas como tinham casa aberta e muitos compromissos, não puderam impedir que o centenário terreiro fosse desativado.

Pesquisadores do GEDMMA, em contato com nosso grupo, sugeriram que juntássemos esforços entrando como parceiros em pesquisa sobre patrimonialização cultural e realizando entrevistas com antigos moradores do Cajueiro, indicados por lideranças da região. Desde agosto de 2015, começamos a realizar estudos de textos sobre memória oral e preservação do patrimônio cultural material e imaterial. Constatamos que os conceitos de patrimônio material e imaterial são relativos e difíceis de serem separados. O patrimônio material se relaciona com objetos de pedra e cal, prédios monumentos e outros objetos que foram os primeiros a serem protegidos no Brasil. O patrimônio imaterial relaciona-se com os modos de vida, alimentação, festas, danças, com a denominada cultura popular. A defesa da região do Cajueiro e do terreiro do Egito engloba elementos tanto da cultura material quanto da imaterial.

Com estudantes de nosso grupo de pesquisa, fomos algumas vezes ao Cajueiro, visitamos o morro do Egito e realizamos reuniões e entrevistas com pessoas idosas e com lideranças daquela área. Por solicitação de lideranças do bairro, entramos em contato com pais, mães e filhos de santo de São Luís que sabíamos serem originários ou descendentes de terreiros cujos fundadores, a maioria falecidos, afirmavam ter passado pelo terreiro do Egito. Realizamos também reuniões com líderes do Cajueiro e do povo de mina, para discutir estratégias de ação comum. Vamos relatar aqui resultado de entrevistas realizadas na área com antigos moradores entre agosto e novembro de 2015, que foram gravadas e transcritas por pesquisadores de nosso grupo.

## **ENTREVISTAS NO CAJUEIRO**

Os moradores mais antigos residentes na área afirmam que mudaram para o Cajueiro em meados das décadas de 1930 e 1940 e outros a partir da década de 1960. Alguns afirmam que eles, seus pais e avós nasceram na região; falavam do bairro e arredores, do Morro do Egito e outros assuntos. A terra era dos Maias, que tinham gado e não deixavam ninguém fazer roça lá. Joaquim Maia era português, morava no Furo, que hoje é Vila Maranhão. Lembram que em baixo do Morro do Egito havia um poço ou fonte com água muito boa que brotava das pedras.

Dona Mariazinha filha de Boaventura, com 92 anos, informa que nasceu em 1925 e veio para o Cajueiro em 1936, com 12 anos. O dono das terras, Maia, que morava no Furo, deixou o pai dela ficar lá. Quando o Maia morreu pediu para darem o nome a esse lugar de Vila Maranhão. Lembra que o Terreiro do Egito foi fundado por Nhá Bá e continuado por mãe Pia, e que nunca teve problemas com a polícia; diz que nunca ouviu falar que houve mocambo lá (esconderijo de escravos fugidos). Vinha muita gente para a festa do Egito e traziam muita comida. Um casal tomava conta do lugar e quando o povo chegava já estava tudo limpo. A festa começava no “Pau da Paciência” (mastro com bandeira branca), com o Baião, depois vinha a Mina. Disse que várias vezes viu o navio de Dom João, muito iluminado. Ela disse que hoje é evangélica, mas dançou no Egito quando nova. Quando o Egito fechou, dona Rafina abriu um terreiro de mina em área próxima e organizava festa de São Benedito.

## MEMÓRIA DO EGITO NA COMUNIDADE DE CAJUEIRO

### Entrevista com dona Mariazinha - 31/7/2015 (na praia Cajueiro)<sup>3</sup>

D. Mariazinha: Quando eu passei pra cá tinha acabado de completar os doze anos; passei pra treze, já morava aqui. O Egito era lindo. Nós na Camboa, meu pai era pescador, olhou pra cá e disse, mas ali tem um lugar muito bom que eu to vendo daqui, que era aqui esse lugar, mas não tem morador, quando ele tá pescando passou dois barcos cheio de gente gritando, cantando que só tu vendo, gente passando dali pra cá, ele disse pra onde esse pessoal vão, eu vou ver onde é ai ficou de lá observando, saltaram aqui na ponta. Do barco encostou e desceu muita gente, ai ele disse, isso ai é morador, se tiver gente ali, eu vou morar ali, ai ficou, saltaram tudo, desceram e foram andando pra cá, por baixo, ai quando foi um dia ele disse, eu vou lá naquele lugar e se informou e veio. Agora aqui tinha dois rapazes que encontraram num campozinho que tem ali, vinha descendo de lá pra cá, ele disse: da onde vocês estão vindo? Eles disse: estamos vindo de um lugar que chamam Furo, que na Vila São Joaquim que eles chamam de Furo, ele disse: me diz uma coisa, quem é o dono daqui, vocês conhecem? Eles disse: é um português que chamam Joaquim Maia, a dona foi embora pro Rio e entregou pra ele, a segunda pessoa dela, ele é que resolve tudo, ai ele disse: como é pra mim falar com ele? Ai ele disse: o senhor vai lá e pede pra falar com ele, todo mundo conhece é só dizer Joaquim Maia.

Mundicarmo: Além do terreiro do Egito tinha outros terreiros, ou pajé que faziam festas?

D. Mariazinha: Tinha terreiro assim, pra ali no Andirobal, bem ali assim, ali tinha um senhor que chegou de Alcântara, do Barão, e ele era aparentado nosso. Andirobal, que chama ele, lá chegou uns pessoal botaram terreiro de cura, ai tem o terreiro de Mina e tem as pajelanças de cura dele, não é de Mina não, é os pajés que ele chama, ai ele fez um barracão e encheu de gente que eram dançando e todo sábado ele fazia festa, tinha lá e tinha o Egito e ali adiante também quem vai pra Vila Maranhão tinha outra casa, tinha gente que dançava, mas a festa mesmo de muita gente grande, muita gente, era no Egito.

Mundicarmo: Mas eles eram amigos desses pajés?

D. Mariazinha: Era tudo amigo, eles dançavam no Egito também, tinha mulher do Egito que vinha dançar na pajelança deles ai, era assim, tudo uma coisa só, eles se uniram...

Mundicarmo: Vai ver que os encantados também eram os mesmo...

D. Mariazinha: Era tudo unido também, uns passavam pra lá outros pra cá e eu dizia que era do Egito, dançava no Egito e em qualquer outro lugar também, iam pra Vila, dançavam na Vila também, tinha terreiro lá, um era o da velha Cota, morreu também, tinha um terreirão de Mina que chamavam Grota, na Estrada de Ferro.

<sup>3</sup> Gravada e transcrita por Juliana Nogueira – Gp-MINA/UFMA.

Ferretti: Diz que lá no Egito se via um navio...

D. Mariazinha: Aqui, navio aqui, quando eles faziam o terreirão lá, cantavam a cantiga deles, e quando dava lá vai o navio, e eles viam e desciam pra um lugar que chamavam “Pau da Paciência” e ficava assim de dançante cantando pra ele e ele vinha descendo devagar e ficava parado bem ali.

Ferretti: E a senhora via também?

D. Mariazinha: Via, eu cansei de ver, eu ia pro Egito era muito ali...

Clovis: A dona Zeca, que tinha terreiro no Jacu, vinha também?

D. Mariazinha: Vinha, eles eram tudo unido, esse povo dali tudinho ao redor de onde tinha essas pajelanças, era assim o Terreiro do Egito chegou? Chegou, vumbora lá...

Ferretti: E como era esse navio?

D. Mariazinha: É mesmo como esses dai, ficava assim de luz, ai eles chamavam o dono do navio, eu sabia até a cantiga deles, quando eles cantavam ai, quando dava ele chegava.

Mundicarmo: Tinha Manoel Pretinho?... Não era João de Lima?

D. Mariazinha: Senhora, só se a senhora visse, foi uma coisa muito boa.

Ferretti: Todo ano vinha esse navio?

D. Mariazinha: Vinha toda vez que eles iam fazer festa, ai eles cantavam de lá, quando cantavam, um cantava pra fulano de tal vim, que ele tá pra chegar, ai iam pro “Pau da Paciência”, era lá que ficavam esperando ele, quando eles cantavam lá, que tudinho vinham, era abatazeiro, era tudo cheinho ao redor, e nesses tempos no “Pau da Paciência”, uns gritavam de lá o nome dele, quando dava baixava, chegava lá entrava e iam pro salão dançar lá até...

Clovis: Ainda dá pra cantar alguma?

D. Mariazinha: Eu ainda sei, mas não dá mais nem pra cantar, as vezes lá em casa quando eu tô sentada lá lembrando dessas coisas, que eu me lembro é muito o que eu já fui aqui, como eu sou hoje, fico me lembrando...

Mundicarmo: A senhora lembra da cantiga de abrir, como eles começavam?

D. Mariazinha: De abrir terreiro, no Egito? Eu sabia, mas não sei se ainda sei, eu já dancei foi muito por ai, lá na Vila Maranhão tinha a dona Cota que era dona de um terreiro lá, na Grotta, eu ia pra lá dançar...

Mundicarmo: Era a Cota do Barão?

D. Mariazinha: Era a Cota que morava lá na Grotta.

Mundicarmo: Mas era tudo em português, cantavam tudo em português ou tinha em língua africana, assim enrolado?

D. Mariazinha: Não, quando eu conheci um africano aqui, mas foi na crença (*protestantismo*), ele veio aqui, quando tava cantando ali, ele tava cantando uns hinos, ai o rapaz que trouxe, eles chamavam de José, lá da Vila Maranhão, disse: eles não estão compreendendo essa língua sua, vocês tão falando americano e eles são português, ai ele mudou, que ninguém tava compreendendo a língua dele.

Mundicarmo: Mas a Pia já cantava mesmo era português?

D. Mariazinha: Não, a Pia era, a cantiga dela todo mundo compreendia.

Ferretti: A senhora também dançava?

D. Mariazinha: Na casa dela não, esse tempo eu ainda era criança quando ela tava ai, tava assim com a idade de 12 pra 13 anos, não tava hoje como eu to, eu ainda dancei foi uns 3 anos

foi na Vila Maranhão com a velha Cota, ela já tinha morrido quando eu tava grande assim, foram muitos anos no Cajueiro, agora é tanto de gente chegando, povo aqui que só tu vê, e ali agora tá cheinho de casas, pra ali adiante que tem o campo, tô lhe falando, acima do campo, pra lá é que era o Egito.

Clovis: As comidas eram feitas lá?

D. Mariazinha: Então... Eram cinco casas que tinha, uma era só pra fazer cumê, outra pra guardar tudo deles que butavam lá, e três pra outra, que era pra mudança de roupa, outra que, dois pra barracão, pra dançar, um aqui, outro ali, e quando dava, o salão tava muito cheio que não cabia, eles abriam outra pra não misturar...

Clovis: Os caldeirões que faziam comida era de ferro ou de barro?

D. Mariazinha: Era de ferro, tachos desse tamanho assim, mas era uma fartura tão grande, que esse povo todinho era chegando e comendo, bicho cachorro sabia que era festa tava lá, enchia comendo e o povo não dava conta, chegava terminou, o povo não dava conta, eles botavam ai fora, cachorro vinha comer, era uma fartura muito grande, ai botavam as panelas pra li pros povos que não tavam dançando virem lavar as panelas pra amanhã, chegar no outro dia ta tudo limpinho.

Mundicarmo: Era festa grande, né?

D. Mariazinha: Era e tinha muita fartura...

Mundicarmo: E diz que demorava vários dias, Santa Luzia diz que ficava 13 dias?

D. Mariazinha: É, tinha vezes que eles ficavam 8 dias, tinha vez que era 5, quando tinha muitos deles empregados, trabalhavam lá e não podiam demorar muito, ai uma turma ia e a outra ia ficando e era assim...

D. Mariazinha: Egito já foi Egito, porque o Egito foi uma benção pra gente aqui, ou como Jesus andou no Egito naquele tempo, como a bíblia diz, e Egito ficou um lugar abençoado acho que por causa dessa terra que Jesus andou. Lugar que foi uma benção, agora depois que terminou tudo tá entrando, como eu dizia ali, eu conhecia aqui só tinha casa, papai veio construir, quem conheceu Egito viu e hoje tá quase abandonado, os moradores que viam faziam casa, mas acabavam não morando, ai ficou abandonado.

Mundicarmo: Mas e o “Pau da Paciência”, não tem mais?

D. Mariazinha: Terminou... casas é assim pra morar e eu acho que o Egito não quis casa pra morador, só pra quem vinha visitar e eu acho que eles não moram, fizeram as casas mas não vieram morar.

Mundicarmo: Porque eles dizem que o assentamento era nas raízes das arvores, será que tiraram?

D. Mariazinha: É porque eles lá que ficaram, como essa Veronica e esses que viviam com ela, sabiam de todos os segredos do terreiro, e depois eu ouvi falar que eles vieram e fizeram um buraco lá perto do “Pau da Paciência” e botaram lá, acho que por isso que morador nenhum mora lá, porque eles marcaram pra só quem é pajé morar lá, ai num sendo não mora, eu nunca fui, mas ouvi dizer que tem casa em quantidade abandonada, foram pra morar mas não vieram, outros vieram e gostaram, mas não fica, ficou um lugar desprezado assim, porque eles veem fazer, mas na hora de morar não mora, eu digo que é por isso, que eles fizeram um negocio lá, no “Pau da Paciência”, que ninguém fica, e os que ficam não pode morar porque são visitados deles e eles ficam com medo e saem.

Mundicarmo: Vai ver que eles aparecem pra eles.

D. Mariazinha: É, eles veem as coisas e não querem ficar... Mesmo quem tem casa não mora, porque eles não querem essas confusões que eles querem, tem outras coisas, eu digo que foi

isso, porque não mora, é só falar, mas não moram mais, mas eu ouvi dizer, casa abandonada é no Egito, cadê os moradores? Fizeram casas mas não mora, ai eu digo, porque isso foi feito é pra terreiro de Mina, vocês querem fazer terreiros de outras coisas, e os donos do Egito não deixaram.

Mundicarmo: Quer dizer que eles ainda estão tomando conta, né?

D. Mariazinha: É, tão lá.

### **Entrevista com outras pessoas da comunidade**

(gravada e transcrita por Juliana Nogueira)

#### **Seu Zé Carlos**

Zé Carlos informou que nasceu em 1950, na Vila Maranhão; veio para o Cajueiro desde pequeno; é filho da falecida dona Rafina (Rafaela). Afirmou que sua mãe dançava no Egito, tinha o encantado Guarapirá. Quando o Egito parou ela abriu uma casa lá perto e organizava no dia 13 de dezembro festa para São Benedito. Depois ela ficou doente e se mudou para Vitória do Mearim. Disse que lá só tinha tambor de Mina no Egito. Lá tinha cura, palmas, pandeiros. Seu Zé Carlos nos disse também que é católico, que conheceu pai Euclides e que os brincantes do terreiro do Egito já morreram todos. (Clovis e outras pessoas da comunidade disseram que o deputado Costa Ferreira, que mora na Vila Maranhão e é evangélico, tem uma tia que foi do terreiro do Egito e ele ia lá quando pequeno). Disseram que devemos também conversar com ele. Disseram também que houve outro terreiro de mina no bairro do Cajueiro, mas todos fecharam e hoje quase todos moradores são evangélicos, mas vários afirmaram que estão dispostos a colaborar com o povo de mina de São Luís, na luta pela defesa das terras e pelo registro do morro do Egito como território quilombola, como local ou espaço sagrado para o povo da mina, da pajelança e da cultura negra tradicional do Maranhão, que o Cajueiro é um território étnico; que todos devem lutar juntos pela preservação ecológica da região onde moram muitos pescadores e que está havendo contaminação da água potável com chumbo.

#### **Seu Geraldo**

Seu Geraldo nasceu em Alcântara, em Esteio, Camatatiua. Tem 91 anos e veio para cá em 1959. Disse que antes o Cajueiro era do Maia que tinha gado e não deixava ninguém fazer roça lá. Aforou o lugar em 1924; depois deixaram de pagar o foro. Lembra que no Morro do Egito o barracão era provisório, de palha, só durava na época das festas, no outro ano tinham que fazer outro novo. Desde outubro Pia mandava limpar o terreno e construir o barracão. Morava lá um vigia, Leotério. De lá viam o navio de Dom João, com luzes de todas as cores e o dono era Bajara ou Bajá. Não ouviu falar que houve mocambo ou quilombo lá. Pia atendia a muitos doentes e ficava alguns dias. Ela vinha de barco desde a Vila Maranhão, conhecida como Furo, e pegava carroça com carro de boi, trazendo panelões, porcos, bebidas, tambores, imagens de santo roupas e tudo que fosse necessário. O pessoal da redondeza ficava lá comendo e bebendo, às vezes ajudava em alguma coisa leve. Ele tocou tambor algumas vezes e eles lhes davam bebidas. A última vez que esteve lá no alto ia fazer um coxo e tinha uma árvore ocada que cortou e uns cajueiros velhos. Seu Geraldo nos disse que as festas começavam no dia de Santa Luzia. Na primeira noite tocavam Baião, com viola, e todo mundo dançava. Tinha Eloí que tocava pandeiro. Nas outras noites batiam Mina, com 3 tambores afinados com tarraxa, agogô e cabaça. Lembra que o Egito foi o primeiro terreiro da Mina de lá, mas tinha o de Rafina e outro de Josefa (segundo informação de dona Maria Rocha).

#### **Seu Davi de Jesus**

Em reunião no Cajueiro em 07/11/2015, em conversa com os moradores, Davi de Jesus – 58 anos, disse que nasceu em 1956 em Alcântara. Veio para o Cajueiro em 1963. É evangélico,



mas aceita colaborar com pessoas de outras religiões numa luta comum. Fez citação bíblica. Lembra que mãe Pia, no fim da vida, ficou paralítica e vinha para o Egito em carro de boi, desde o Maracanã, trazendo tudo em dois carros. Lembra que o condutor era Daniel. Conheceu Pai Euclides e disse que ele comprou um terreno aqui abaixo e vendeu.

### **Seu Antônio Roxo e D. Maria**

Mundicarmo, conversando com Antônio Roxo e com outra dona Maria (sua esposa) no dia 07/11, indagou quantos tambores tocavam lá?

D. Maria: Uns 4;

Seu Antônio Roxo: Era bem uns 2 ou 3.

Mundicarmo: Era daqueles deitados?

Antônio Roxo disse que tocavam em pé e tocava deitado, tinha uns grandões dessa altura assim, que tocava em pé e tinha os outros que tocava deitado.

Seu Antônio Roxo: Os encantados que eram mandados por ela (Pia?), que pertenciam ao trabalho dela, todos que ela conhecia, entravam.

Mundicarmo: Mas era na Mina?

D. Maria: Às vezes baixavam umas cobras e era gente se jogando pelo chão, que eu tinha era medo. Tinha uma cobra que quando baixava na mulher, ela rolava no chão.

Mundicarmo: Era dona Rosalina?

D. Maria: Hein hein, Rosalina da Lagoa também.

Mundicarmo: Conheço dona Rosalina, a Pia recebia ela?

D. Maria: Recebia, recebia também...

Thiago: Mesmo velhinha ela recebia também?

D. Maria: Recebia e quando não era ela era outro.

Atualmente a maioria dos moradores do Cajueiro pertence a diversas igrejas evangélicas. Percebemos entre os mais novos a existência de certa hostilidade contra as religiões afro-brasileiras. Entre os mais antigos esta hostilidade nos pareceu menor. Alguns afirmam que frequentavam o Terreiro do Egito, que viram o navio encantado, que dançavam ou tocavam. Outros que iam para tocar e beber. A liderança da comunidade fez questão de frisar que os evangélicos e os afro-brasileiros estavam juntos na luta pela terra, mas no momento da reza, cada um tinha o seu modo e não deviam se misturar. Assim, embora os preconceitos continuem, o objetivo comum parece que supera as hostilidades existentes, o que parece um dado muito positivo.

Há vasta bibliografia disponível sobre patrimônio cultural imaterial e material. Nos últimos anos a UNESCO e o IPHAN tem realizado inúmeros debates e publicado trabalhos sobre estes temas. Os lugares também são incluídos na categoria patrimônio e reconhecidos pelo Estado. São espaços com características culturais específicas. Pelas tradições que o representam o local do terreiro do Egito é um espaço sagrado para o povo negro do Maranhão e deve ser preservado para as futuras gerações. A região do Cajueiro e do Morro do Egito inclui aspectos do patrimônio da cultura material e da cultura imaterial. Do ponto de vista da cultura material a região é um espaço ecológico onde se desenvolvem atividades da cultura tradicional relacionadas com agricultura, pesca e outras atividades. Tanto no Cajueiro quanto no Morro do Egito há tradições culturais e religiosas que devem ser preservadas. O Egito é um espaço sagrado relacionado com as religiões afro-maranhenses e o Cajueiro é um bairro onde tradicionalmente vive população que mantém seus costumes ancestrais.



as festas do Divino no Maranhão – dá das festas uma imagem incompleta.<sup>6</sup> Do total de 105 festas registadas fora da cidade de São Luís no Cadastro de 2015, 29 situam-se na ilha de São Luís, 27 na microrregião do Rosário, 18 na Baixada Maranhense, dez na microrregião do Litoral Ocidental, dez no Leste Maranhense, sete na microrregião de Itapecuru, uma na microrregião dos Lençóis, duas no Centro e uma no Leste do estado. Pese embora todo o seu valor, esta informação deixa de fora o Sudoeste e a informação sobre o Centro e Leste é também pouco representativa.<sup>7</sup>

O objectivo deste artigo é justamente propor uma primeira aproximação de conjunto às festas do Divino no estado do Maranhão, com particular destaque para as áreas actualmente sub-representadas na literatura etnográfica e antropológica. Essa aproximação é uma aproximação provisória. Não se baseia num levantamento exaustivo, mas em auscultações pontuais que têm vindo a ser conduzidas por um dos autores do presente artigo (Jandir Gonçalves). E é também uma aproximação com objectivos limitados. Mais do que uma descrição completa dos diferentes modelos de festas, visa colocar em evidência a diversidade que algumas soluções rituais das festas do Divino apresentam em diferentes áreas do estado do Maranhão.

Em termos gerais, essa diversidade diz respeito a quatro aspectos principais dos festejos: a) formas de representação do Divino Espírito Santo; b) principais personagens das festas; c) modalidades de direcção e acompanhamento musical dos festejos; d) capacidade de alguns aspectos centrais do culto ao Divino influenciarem e interagirem com outras expressões da religião e da cultura locais.

### **Ainda São Luís**

Como foi referido anteriormente, o modelo mais conhecido de festas do Divino no Maranhão é o que se encontra em Alcântara e São Luís. Este modelo – prevaemente no litoral do estado – estende-se para oeste até Tutóia e a leste vai pelo menos até Cururupu. Abrange, portanto, de leste para oeste, as microrregiões do Litoral Ocidental, da Aglomeração Urbana de São Luís, do Rosário, de Itapecuru Mirim e dos Lençóis.

Os traços mais recorrentes deste modelo de festejos foram atrás indicados. Mas muitas festas nesta área caracterizam-se por particularidades que vale a pena sublinhar.

Assim na microrregião de Rosário, não só há mais homens batendo caixa do que em São Luís, como os cantos são diferentes. Também nesta microrregião, é mais corrente a presença de adolescentes – e não apenas de crianças – nos Impérios. Ainda em Rosário, mas igualmente em Humberto de Campos, as caixeiras tocam para outros santos. Em Humberto de Campos tocam para Nossa Senhora do Rosário, em Santa Rosa dos Pretos (Itapicuru Mirim) para Nossa Senhora da Conceição e em Itamatatuía (Alcântara), para Santa Teresa. Nalguns

<sup>6</sup> Sobre o Cadastro ver Leal 2012.

<sup>7</sup> Em relação a 2009, o Cadastro de 2015 registra um aumento de festas no Rosário (de 20 para 27), no Litoral Ocidental (de seis para dez), em Itapecuru (de uma para sete festas) e no Leste (de seis para dez). Em contrapartida é menor o número de festas registradas na cidade de São Luís (67 contra 79 em 2009; cf. Leal 2012). Se acrescentarmos às referências do Cadastro, as referências recolhidas por um dos autores deste artigo (Jandir Gonçalves), assim como referências disponíveis na internet, o número total de festas referenciadas fora da cidade de São Luís deverá situar-se perto de 140. Este número deve estar subavaliado. Somando este número com os números de festas relativas à cidade de São Luís (cf. Leal 2012, 2014), o número total de festas do Divino referenciadas no estado do Maranhão é seguramente superior a 200.

casos, como em Barreirinhas, não há festas do Divino, mas mantém-se a importância das caixeiras, que tocam para Nossa Senhora do Rosário.

Há ainda casos de festas marcadas por uma composição ritual idiossincrática, como em Santa Rosa dos Pretos onde a festa – para além de ter dois mastros – compreende duas etapas. A primeira etapa decorre em Novembro e organiza-se em torno do levantamento dos mastros. A segunda etapa tem lugar no dia de Reis (ou numa data próxima) e organiza-se em torno do derrubamento dos mastros. Na primeira etapa a festa tem Impérios, tribuna e coroação, mas na segunda etapa não tem coroação. Outro caso revelador da diversidade que as festas podem apresentar nesta área é a festa do Divino que tem lugar no terreiro de Santo Onofre de Pai Edmilson (Igarau). Esta festa não só não tem mastro, como, em vez dos Impérios, tem uma corte imperial – presidida por uma entidade espiritual da Mina (Palha Velha ou Rei Palha Velha) em cima do pai-de-santo – com cerca de 60 crianças e adolescentes, que representam diversas entidades espirituais. Provavelmente soluções idiossincráticas como estas estão mais difundidas, não apenas no litoral do estado, mas em outras regiões do Maranhão.

### **Festas da Baixada**

Algumas das soluções rituais mais recorrentes no modelo de festas prevalecente no norte do Maranhão encontram-se na Baixada Maranhense. Mas aí – e nalguns casos também em certos municípios do Litoral Ocidental Maranhense – muitas festas apresentam particularidades que devem ser sublinhadas. A primeira diz respeito à representação do Divino, que se faz tendencialmente sob a forma de uma coroa em latão – “Santa Crôa” – geralmente colocada sobre um pedestal alto e coberta com tecido feito em tule ou em crochet, no interior da qual é colocado o pombo (em gesso). Ao lado de festas com mastro – por vezes colocado no interior das casas onde têm lugar os festejos – existem festas sem mastro. As festas podem realizar-se com ou sem Impérios e quando existem Impérios a coroação tem lugar no final da festa, mas não existe – como nas festas de São Luís e de Alcântara – nem repasse de posses nem distribuição final de lembranças.

O factor distintivo mais relevante do culto ao Divino nalguns municípios da Baixada Maranhense tem, entretanto, que ver com o facto da direcção e acompanhamento musical das festas estarem a cargo de turmas de caixeiras que podem reunir até 30 ou 40 caixeiras, dirigidas por uma “chefe de turma”. Estas turmas têm designações próprias: por exemplo, Leão ou (Lião) do Norte (Penalva), Nova União (Penalva), Turma de Bibi Nogueira (Povoado do Jacaré, Penalva), Turma de Teresa Caixeira (Viana) ou Turma de Maria Gonçalves (Pindaré Mirim). Para além de serem contratadas para as festas do Divino, estas turmas são também contratadas para outras festas. O seu repertório do Divino integra cantos idênticos aos que podemos encontrar em São Luís, mas com um tom (ou ritmo) diferente, caracterizado pela recorrência do baixão (um tom que se encontra também no bumba-meu-boi e nas doutrinas de terreiros afro-religiosos desta área) e pela maior importância da improvisação. Devido ao facto de actuarem noutras festas, estas turmas de caixeiras possuem um repertório mais alargado, em que avulta o bambaê (Nascimento, Soares Júnior & Azevedo 2009, Ferretti, M. 2013).<sup>8</sup> Este pode ser cantado tanto

---

<sup>8</sup> Na microrregião do Litoral Ocidental, o bambaê dá lugar – designadamente em Bequimão, Pinheiro, Santa Helena, Central do Maranhão ou Guimarães – ao forró de caixa ou lélé de caixa, com caixa e cabaça (ver Ferretti, M. 2011). Este pode ser tocado por homens e mulheres. As mulheres são normalmente caixeiras, mas, tal como o bambaê, o forró de caixa – embora possa animar as partes dançantes das festas do Divino – é independente delas.

nas festas do Divino como noutras festas e é “um baile popular que acontece a partir de caixas com intuito de puro divertimento” (Nascimento, Soares Júnior & Azevedo 2009: 10). No bambaê, apenas duas caixeiras tocam e cantam ritmos diversos – incluindo valsa e forró – que todos dançam.

Entre as festas para que as turmas de caixeiras são contratadas contam-se festas de terreiro de Badé (designação dada à variante local da religião afro-brasileira). Se alguns terreiros – como em São Luís – fazem festas do Divino, outros recorrem às caixeiras para as festas de terreiro. Aí elas asseguram o rojão, que se configura como uma cantoria que se pode estender pela noite inteira, de características religiosas, mas também lúdicas e que constitui um dos segmentos rituais principais das festas dedicadas à entidade da casa. No decurso do rojão é geralmente tocado o caroço, que é cantado e dançado por todas as caixeiras. Em alguns grupos, o ponto alto do caroço é o momento em que uma das caixeiras consegue pegar com a boca uma garrafa de cerveja colocada ao chão, enquanto dança com muitos requebros. Para além do rojão, as festas de terreiro compreendem ainda outros segmentos rituais – tambor de crioula, toque de tambor e festa dançante – que em muitos casos têm lugar simultaneamente ao rojão.

Também na Baixada, mas circunscrita aos municípios de Penalva e Viana e ao povoado São Cristóvão, tem lugar a Corrida da Ascensão: um passeio lacustre que é como uma “procissão” embarcada, que junta diversos grupos e expressões da cultura e religiosidade locais: caixeiras e outro(a)s participantes nas festas do Divino, integrantes de grupos de bumba-meu-boi ou de tambor de crioula, filhas e filhos de santo de terreiros de Badé.

### **Sudoeste**

No Sudoeste do estado, em particular na área correspondente às microrregiões de Imperatriz e Porto Franco – e que engloba nomeadamente os municípios de Imperatriz, Porto Franco, Estreito, Lajeado Novo, Carolina, Riachão e Balsas – as festas apresentam soluções com um certo grau de singularidade relativamente ao que se passa no norte do estado. Para além da bandeira, a forma de representação dominante do Divino é constituída pela coroa e pelo pombo, mas não existe de forma generalizada o mastro. Em muitas festas também não existem Impérios ou, quando existem – como em Porto Franco – parecem ser de introdução recente, provavelmente devido à popularidade do modelo de festas do Divino de Alcântara (e São Luís). Em Porto Franco surge também a designação de princesas para algumas das integrantes dos Impérios.

O principal factor distintivo das festas do Divino nesta área tem, entretanto, que ver com o destaque que nelas têm os foliões. Esta designação aplica-se de uma forma genérica a todas as pessoas envolvidas na festa. Mas aplica-se, mais especificamente, às pessoas que são responsáveis pela direcção e acompanhamento musical dos festejos. São eles que transportam a bandeira do Divino e os instrumentos usados são a caixa e a sanfona. Os foliões tanto podem ser homens como mulheres (neste caso designadas por folioas) e podem cantar juntos ou separados. As mulheres, entretanto, geralmente não batem instrumentos. Nalguns casos podem ser também integrados outros instrumentos na folia como sax, piston, reco-reco, etc... Entre o repertório destes foliões – que estão designadamente encarregues dos peditórios para a festa – merece menção especial o salambisco, que corresponde ao carimbó de São Luís e que é tocado na parte mais dançante da festa.

---

### Centro e Leste do estado

Algumas das características das festas do Divino que acabaram de ser postas em evidência encontram-se em muitos municípios do Centro e Leste do Estado. É o que se passa com a ausência do mastro ou dos Impérios.<sup>9</sup> Mas é sobretudo o que se passa com a importância dos foliões nas festas. Estas folias obedecem, entretanto, nessas duas regiões, a dois modelos diferenciados. No Centro – em particular no Alto Mearim, especialmente nos municípios de Grajaú, Barra do Corda ou Presidente Dutra – predomina um modelo de folia similar ao Oeste. Mas no Leste – englobando designadamente os municípios do Brejo, Buriti, Duque Bacelar, Afonso Cunha, Aldeias Altas, Timon, Matões, Caxias, Buriti Bravo, São Francisco do Maranhão, Parnarama – o modelo de folia é já um outro, uma vez que os foliões – geralmente conhecidas pela designação de Divindade – são aí maioritariamente homens, que tocam caixa e rabeca (ou violão); as mulheres, quando participam, asseguram a segunda voz.<sup>10</sup>

A par destes motivos comuns às festas do Sudoeste, as festas nestas duas regiões apresentam um conjunto de particularidades. Um deles tem a ver com a representação do Divino, sob a forma de um pombo que é colocado num pequeno oratório, decorado com flores e com terços, estes últimos colocados à volta do pescoço do pombo. A designação de Divindade dada a este oratório é também muito difundida. Mas a diferença mais importante tem que ver com as funções rituais mais alargadas desempenhadas pelos foliões. Tal como em certos municípios do Sudoeste, também no Centro e Leste os foliões realizam peditórios pelos municípios pernitando em rancherias (ou “arrancharias”) construídas especificamente para o efeito, onde têm lugar rituais de homenagem ao Divino: rezas, almoços, dança. É também conhecida a participação dos foliões nas chamadas visitas às covas e noutros rituais relacionados com a morte (por exemplo, enterros) (Gonçalves 1994, Gonçalves & Oliveira 1998). O Divino surge de facto, no Centro e no Leste do Maranhão, como consolador da morte, podendo acompanhar enterros ou fazer visitas de cova para “anjos” e “pecadores” (crianças e adultos), homenageando os falecidos com uma loa, uma cantoria em seu louvor encomendada por parentes ou amigos. No dia de Finados, os foliões – ou “divindades” – deslocam-se a cemitérios, onde fazem uma cantoria de obrigação saudando o Cruzeiro do meio do mundo (o Cruzeiro do cemitério) e todas as almas, mesmo aquelas que já não têm mais dono.<sup>11</sup> São depois contratados – mediante um pagamento variável – por diversas pessoas para fazer uma salva aos seus mortos, que podem tomar a forma de antigas orações como “Maria Valei”, “Ofício de Nossa Senhora”, ou “Ofício do Caçador” ou de uma cantoria com alvorada em que são exaltadas as horas fortes do dia. Todas estas formas de salva são de extrema emoção para os contratantes que relembram ali a passagem do homenageado pela vida. Geralmente as pessoas acompanham o ritual com velas acesas e quando este é colectivo – isto é, quando envolve vários

<sup>9</sup> Deve ser ressaltado que em Grajaú, tal como em Porto Franco (no Oeste), as festas têm Impérios e as princesas integram também a corte imperial.

<sup>10</sup> Em Codó, entretanto, as festas do Divino são dirigidas por grupos de duas caixeiras e em Peritoró (e antes em Caxias) os foliões só usavam caixa e a sua música era diferente da predominante em outros municípios do Leste do estado.

<sup>11</sup> Segundo os foliões, o cruzeiro do centro – que carrega todo o peso do cemitério – é o local onde as almas se ajoelham para descontar os seus pecados.

parentes mortos de pessoas de uma mesma localidade – o cemitério enche-se de parentes, amigos e vizinhos.<sup>12</sup>

Mas as visitas às covas – e a participação em enterros – são talvez a face mais visível de uma tendência mais geral prevalecente no Centro e Leste do Maranhão: a participação generalizada dos foliões (ou foliões da Divindade, ou Divindades) num conjunto de outras actividades de natureza religiosa: salvar cruzeiros, poços, roças, casas de farinha, rancherias, delegacias, residências de pessoas. Em certos casos, os foliões podem também surgir associadas a outras devoções. É o caso do culto das Almas Milagrosas da Taboca Redonda (São Francisco do Maranhão), organizado em torno da devoção a um casal de namorados que, por vingança do pai da moça – que se opunha ao seu namoro com um moço mais pobre – foi jogado num boqueirão e morreu.<sup>13</sup> Aí tem lugar anualmente uma grande romaria com ex-votos, rezas, cantorias e os foliões deslocam-se lá, recebem promessas para o Divino, ou promessas para as Almas Milagrosas por intermédio do Divino.

Ainda nesta área, é estabelecida uma relação entre o Divino e os Reizados Caretas. Diz-se que Santo Reis é primo irmão do Divino: “Santo Reis anda de noite, Divino anda de dia” (numa alusão ao facto de os peditórios dos dois rituais se realizarem ora de noite ora de dia).

### **Extremo Noroeste**

Finalmente nos municípios localizados no extremo Noroeste do litoral do Maranhão, na microrregião de Gurupi, as coroas de gesso são a forma de representação dominante do Divino, mas nessa área é de destacar a ausência de grande parte do cerimonial que noutras regiões do Maranhão caracteriza as festas do Divino, incluindo a sua direcção e acompanhamento musical por grupos especializados de tocadores (ou tocadoras). As festas do Divino – por exemplo, no município de Carutapera – consistem aí, sobretudo, em novenas asseguradas por diferentes grupos profissionais ou bairros, com reza e café com bolo.

### **Conclusões**

Diversidade é, portanto, a tendência dominante que as festas do Divino apresentam no Maranhão. Devido ao carácter provisório deste levantamento de diferentes expressões que as festas apresentam no Maranhão é difícil avançar com hipóteses explicativas sobre essa diversidade. Mas alguns pontos – em jeito de conclusão, também ela provisória – podem ser sublinhados.

O primeiro diz respeito às soluções rituais prevalecentes em muitos municípios do Sudoeste, Centro e Leste Maranhense, com particular destaque para a importância dos foliões e para as funções rituais por eles desempenhadas no âmbito das festas do Divino. A semelhança com soluções rituais prevalecentes em festas do Divino em muitos outros municípios rurais do Brasil – em particular em São Paulo e em Goiás – deve ser sublinhada. Será que esse facto indicia uma origem a sul deste modelo de festas, ligada a movimentos migratórios daí originários? Seja qual for a resposta a esta questão, aquilo que deve ser sublinhado é a

<sup>12</sup> Note-se que nas visitas de cova também podem participar integrantes de grupos de bumba-meu-boi: tudo depende da devoção que o morto tinha em vida.

<sup>13</sup> Sobre o culto às Almas Milagrosas no Maranhão ver Ferretti, S. 2004.

autonomia relativa deste modelo de festa relativamente às soluções prevalecentes no norte do estado. É como se no Maranhão existissem não um, mas dois Divinos.

O segundo ponto diz respeito ao modo como, quando nos afastamos do norte do estado, se acentua uma tendência que aparece aí de forma mais difusa. Essa tendência prende-se com a capacidade de aspectos importantes do culto ao Divino se estenderem para outros rituais, festas e folguedos. Essa tendência é particularmente relevante no Centro e no Leste do estado, devido ao papel que as folias aí desempenham nas visitas às covas e noutros rituais. Mas reencontra-se também na Baixada, por intermédio do papel que as turmas de caixeiras desempenham noutras festas onde asseguram os rojões e o bambaê.

Finalmente, um terceiro aspecto que deve ser relevado é o modo como, à semelhança do que se passa em São Luís, essa capacidade de cruzamento do Divino com outras expressões religiosas abranger em muitos casos as religiões afro-brasileiras. Essa tendência é particularmente relevante na Baixada. Aí não só muitos terreiros promovem festas do Divino, como aqueles que não o fazem recorrem às caixeiras para os rojões, que são um dos segmentos rituais mais importantes das festas de terreiro. Nalguns terreiros – por exemplo, no de Dona Dilma (Santa Helena) – a bandeira do Divino é também usada para curar. Esta prática encontra-se também nalgumas povoações do Centro e do Leste, como Barra da Corda. Isto é: longe se ser uma solução circunscrita a São Luís, a articulação entre festas do Divino e religiões afro-brasileiras parece ser uma solução mais geral em todo o Maranhão.

## REFERÊNCIAS

- AIRES, Maria do Socorro, 2014, *Festa de Sant'Ana e Divino Espírito Santo no Terreiro Fé em Deus: as Relações do Pesquisador no Campo*, São Luís, UFMA (tese de mestrado).
- BARBOSA, Marise, 2006, *Umás Mulheres que Dão no Couro. As Caixeiras do Divino no Maranhão*, São Paulo, Empório de Produções e Comunicações.
- CARVALHO, Luciana (ed.), 2005, *Divino Toque do Maranhão*, Rio de Janeiro, Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/ IPHAN.
- CARVALHO, Maria Michol, 2010a, “O Divino Maranhense no Espaço Sagrado das Casas de Culto Afro I”, *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore* 46, 9-12.
- CARVALHO, Maria Michol, 2010b, “O Divino Maranhense no Espaço Sagrado das Casas de Culto Afro II”, *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore* 47, 9-12.
- EDUARDO, Otávio da Costa, 1948, *The Negro in Northern Brazil. A Study in Acculturation*, Seattle – Londres, University of Washington Press.
- FERRETTI, Mundicarmo, 2011, “Depois da Obrigação: Carimbó, Bambaê de Caixa e Cacuriá no Maranhão”, *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore* 51, 8-9.
- FERRETTI, Sérgio, 1995, *Repensando o Sincretismo. Estudo sobre a Casa das Minas*, São Paulo, EDUSP – FAPEMA.
- FERRETTI, Sérgio, 1999, “La Fête du Divin chez le Tambour de Mina”, Comunicação apresentada à XXV Conferência da Société Internationale de Sociologie des Religions, <http://www.ufma.br/canais/gpmina/textos/10.htm> (acesso em 7/7/2007).
- FERRETTI, Sérgio, 2004, “Festa da Alma Milagrosa. Simbolismo de um Ritual de Aflição”, *Ciências Sociais e Religião* 6 (6), 135-151.
- FERRETTI, Sérgio, 2005, “Festa do Divino no Maranhão”, Carvalho, L. (ed.), *Divino Toque do Maranhão*, Rio de Janeiro, Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/ IPHAN, 23-31.





João da Parnaíba que acontece todo mês de julho com premiação, tem um título Regional do campeonato feito em Parnaíba que reuniu os bois da região norte do Estado, e um título Estadual em 2005 do festival Nacional de folguedos que acontece em Teresina<sup>18</sup> com a toada sobre a fundação da vila de São João da Parnaíba. Atualmente na cidade temos na categoria adulto: o boi Novo Lírio, Flor do Lírio, Fazendinha, Rei da Boiada, Brilho da Ilha, Estrela Cadente e Igaracu. Na categoria mirim: o boi Precioso, Caprichoso, Estrela Cadente, Estrela Mandacaru e Garantido. É uma característica Parnaibana a existência de Bois mirins, inclusive com a prefeitura organizando campeonato com disputa de prêmios financeiros.

O ritual de morte do grupo cultural Rei da Boiada reúne o número de cinco mil pessoas no campo do Botafogo no bairro Catanduvás<sup>19</sup>. O ritual de morte do boi inicia com a fuga do boi pelas ruas da cidade, o trajeto começa na sede do boi às 13 horas e 30 minutos com retorno à sede às 17 horas depois de percorrer do bairro Catanduvás ao Pindorama<sup>20</sup>. O cortejo é acompanhado por alguns integrantes do boi mirim Garantido, crianças na faixa etária de 14 a 15 anos numa espécie de ritual de iniciação para o boi adulto. O Ritual de Morte se realiza, desde a fundação do boi, no segundo sábado de agosto. Após o cortejo acontece a maior apresentação do ano, onde são cantadas as principais toadas do boi. Durante as últimas músicas, reinicia-se a perseguição do boi, agora dentro do “arraial”. O boi demora três toadas para entrar em cena, entra no terreiro e fica brincando com o público até a sexta toada quando começa a ser caçado pelos vaqueiros, laçado e derrubado várias vezes, até que na sétima toada o amo canta: “vai morrer, vai se acabar”, o boi é derrubado e arrastado ao mourão pelos vaqueiros, fica preso ao mourão para ser sangrado. A madrinha e o padrinho do boi coletam o seu sangue representado pelo vinho e distribuem para os adultos, para as crianças, suco de uva. A Festa tem características Dionisíacas, 50 litros de vinho são misturados a 20 litros de cachaça. Difere-se dos bois do Maranhão que antes do ritual apresentam bandas de regue e até mesmo de axé, como por exemplo, a morte do boi de Axixá em 2013 no “seu Viva”<sup>21</sup> na cidade de Axixá antecedido por um show de reggae, e, em 2014, no boi Brilho da Terra, do quarto conjunto da COHAB-MA.

Durante o Ritual de Morte do Rei da Boiada participaram 179 brincantes: 26 Caboclos Reais, 16 vaqueiros adultos, 11 vaqueiras, 3 facas<sup>22</sup>, 1 roncadeira, 2 índias guerreiras, 1 porta estandarte, 1 pajé, 1 sinhazinha, 36 boieiros, 12 vaqueiros mirins, 12 índias, 2 sargento, 1 cavaco, 1 banjo, 1 índia iaporanga, 3 amos, 1 cacique, 1 curandeiro, Catrevagem completa (Boi, Burrinha, Folharal, Pai Francisco e Catirina), 16 da organização (6 na produção e os tambôzeiros). A comédia, o drama e a tragédia estão presentes no ritual. A comédia é comandada pela Catrevagem, o drama e a tragédia por parte da Catrevagem (Boi, Pai Francisco e Catirina) e pelos vaqueiros. Em Parnaíba, os rituais de morte se diferem em infraestrutura, cortejo e quantidade de brincantes. No ritual da Morte do boi Novo Lírio, em 2013, por exemplo, eram as índias que levaram o Boi laçado até o mourão, as toadas cantavam as riquezas e pontos turísticos e históricos da cidade de Parnaíba, e possuía um cortejo pequeno. O ritual do boi Brilho da Ilha, 2014, também possui um cortejo pequeno realizado nas ruas da Ilha Grande de Santa Isabel<sup>23</sup>. Os rituais de morte em Parnaíba se diferem em proporção e infraestrutura. Enquanto que o proprietário do Rei da Boiada consegue patrocínios, divulgação e atrai uma multidão, tornando o seu ritual um dos principais eventos culturais da cidade, o boi Brilho da Ilha não possui transporte para carregar as caixas de som para a brincadeira. Se a estrutura e

<sup>18</sup> Capital do Estado do Piauí, 354 km de Parnaíba.

<sup>19</sup> Antiga fazenda de gado do Simplício Dias, um dos mais importantes comerciantes de Parnaíba com o charque e o couro no século XIX. Fazenda que possuía escravos. Bairro afastado do centro, na saída para o município de Luís Correia.

<sup>20</sup> Bairro localizado na saída pra Teresina.

<sup>21</sup> Espaço público (praça) onde acontece a morte do boi. A maioria dos bois maranhenses tem o “seu” “Viva” onde realizam o ritual de morte.

<sup>22</sup> Brincante que fica em baixo do boi. No Maranhão denomina-se Miolo.

<sup>23</sup> Parte piauiense do Delta das Américas.

divulgação são diferentes o resultado, no entanto, não é totalmente desfavorável ao boi Brilho da Ilha, localizado num dos três celeiros de Bois, a ilha, que é também sede do vitorioso Boi Novo Fazendinha, que conquistou metade dos títulos disputados nos últimos dez anos no São João da Parnaíba.

As cores principais do Rei da Boiada são o vermelho, o amarelo e o branco. Foi o primeiro grupo de Parnaíba a incluir mulheres no batalhão, segundo João Batista Filho<sup>24</sup>, depois de ver a reação positiva do público Parnaibano a uma apresentação do Boi Pirlampo de São Luís trazido pela prefeitura de Parnaíba para o São João. A tradição oral faz do Rei da Boiada um boi quase centenário, já passou por várias denominações no decorrer da sua história. Só como Rei da Boiada ele existe há 53 anos. O Boi mais antigo de Parnaíba não incorporou apenas os brincantes, também saberes dos bois extintos do seu bairro Catanduvás. No sotaque, seus Tambores aproximam-se dos bois de Teresina que são mais impactados pelos bois de matraca do Maranhão, mesmo em Parnaíba o boi conversa com outros currais. Tradicionalmente a cidade tem três grandes currais: O Catanduvás, Os Tucuns<sup>25</sup>, e a Ilha Grande de Santa Isabel. Nos Tucuns é forte a presença de escolas de samba, e também ali a modernização dos bois acabou com o boi mirim: *Prateado*, de onde Batista<sup>26</sup> buscou Rafael da Guia e seu pai João da Guia para cuidarem dos adereços do boi. E foi mais ousado ainda ao buscar nas quadrilhas o bailarino Sharles para ser o pajé do boi, bem como na utilização de instrumentos de corda com o cavaquinho e o banjo, instrumentos mais utilizados nos bois de orquestra do Maranhão. Batista é repentista e autor da única toada parnaibana, gravada num CD pela secretaria estadual de cultura, lembrando que em Parnaíba os bois registram suas atividades em DVD. O processo de modernização de bois é antigo, tem etapas e se intensificou nas últimas décadas com a premiação do concurso de bois pela prefeitura. Hoje é praticamente impossível um boi pequeno e mesmo médio pensar em título, para ser campeão do São João da Parnaíba, um dos critérios é o batalhão preencher a Praça Mandu Ladino<sup>27</sup>. Assim os custos se tornam altos e os donos de bois são pobres<sup>28</sup>.

Para Batista<sup>29</sup> nunca houve batizado de boi em Parnaíba. Foi o mesmo que ouvimos do Seu Bandeira<sup>30</sup> bem como de todos os outros entrevistados e fontes consultadas. Em Parnaíba, portanto não existe ritual de batizado de boi se difere assim do Maranhão, o que parece ser compensado pela existência de bois mirins que na sua prática apontam para uma espécie de rito de iniciação para crianças ingressarem nos Bois adultos. Batista<sup>31</sup> também nos lembra de que como em outras partes do Brasil, a brincadeira de boi em Parnaíba era precedida pela licença pedida na delegacia na época em que seu pai era o amo da brincadeira. Seu Bandeira com seus 80 anos foi várias vezes tirar licença para poder “botar o boi para brincar”<sup>32</sup>. O memorialista Benjamin Santos<sup>33</sup> também nos fala da obrigatoriedade da licença. O conjunto da produção

<sup>24</sup> BATISTA FILHO, João. *Grupo cultural Rei da Boiada*. Entrevista concedida novembro de 2014 e Abril de 2016 em Parnaíba.

<sup>25</sup> Atual Bairro São José, próximo ao centro da cidade, na beira do Rio Igarauçu, um braço do Rio Parnaíba. Antiga zona portuária.

<sup>26</sup> BATISTA, 2014.

<sup>27</sup> Inaugurada dia 22 de junho de 2007, inicialmente chamada de quadrilhódromo. Sobre a Praça ler: *O Piaguá Culturalista*. Parnaíba, junho de 2016, Ano IX, n. 104, p. 12.

<sup>28</sup> Sobre a condição financeira dos brincantes e donos de boi, ler: ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira. *O “urrou” do boi em Atenas: instituições, experiências culturais e identidade no Maranhão*. 2004. 343f. Tese (Doutorado em ciências sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2004, p. 52. Ler também: O BEMBÉM. *Cadê os bois?* Parnaíba, n. 67, julho de 2013.

<sup>29</sup> BATISTA, 2016.

<sup>30</sup> BANDEIRA, Raimundo. *Boi Igarassu*. Entrevista concedida em Outubro 2014 em Parnaíba.

<sup>31</sup> BATISTA, 2014.

<sup>32</sup> BANDEIRA, 2014.

<sup>33</sup> CADÊ os bois. *O Bembém*. Ano 6, n. 67, 21 de Julho de 2013.

acadêmica do Maranhão sobre boi também nos aponta na mesma direção, utilizando para isso não só as fontes memorialísticas como fontes escritas<sup>34</sup>.

Pedrazani<sup>35</sup> mostrou a importância do ritual do batizado em Teresina, que assinala a transformação de pagão para cristão, concentrou o seu trabalho em apenas dois bois: o Imperador da Ilha comandado por mestre Raimundo localizado no bairro Piçarra e o grupo Dominador do Sertão comandado por mestre Edmilson localizado na Vila São Francisco Norte, visto que todos se batizam em Teresina no mesmo dia. Benjamin Santos nos lembra de que os bois de Parnaíba eram dedicados a São João e que talvez isso “venha do tempo em que o lugar se chamava Vila de São João da Parnaíba”<sup>36</sup>. Quanto ao ritual de morte do Rei da Boiada, bem como de todos os bois de Parnaíba ocorrem em um dia. Quanto a ritual de morte, temos no livro: *Um caso de Polícia!*<sup>37</sup> a propaganda de um Ritual de Morte de Boi na periferia de São Luís. A notícia foi vinculada no jornal Pacotilha em 23 de julho de 1897 intitulava-se Grande Festa:

Morte do Bumba-meu-Boi do Areal ao Caminho Grande Domingo, 25 corrente. Programa: Sábado 24 das 8 horas da noite às 3 horas da madrugada, haverá dança de Bumba-meu-Boi e a popular dança de tambor; domingo 25 às 4h. da tarde terá começo o festejo desse dia anunciado por uma salva de foguetes de bomba real, e uma combinada orquestra, às 8 horas da noite será queimado um lino fogo de corda preparado a capricho pelo hábil e distinto artista, cidadão Antonio Costa, terminado assim este tão agradável entretenimento. O encarregado desta festa convida a este ordeiro e pacato povo maranhense a passar uma tarde bem divertida, esperando-os com cerveja fria, bom vinho, cana-capina, petiscos e bom café e previne ao publico que os negros Pae Francisco e Mae Catharina, com suas pilherias tocantes tratara os espectadores em continuas gargalhadas. Ao areal rapaziada, haverá muita ordem e moralidade. Entrada geral – 20 rs. Cadeiras com nº - 40 rs. Maranhão, 21 de julho de 1897.

Outra notícia de ”Morte” de boi encontramos no *Pacotilha* de 10 de setembro de 1929. Ali a matéria não nos se informa que se trata da última e mais importante apresentação do Boi no ano, mas fica evidente pela data da brincadeira. Desconhecimento do autor ou estratégia para diminuir a importância do evento e acentuar seus transtornos? Outra estratégia da notícia é constranger o dono da casa que contratou a brincadeira. O texto se intitulava “O bumba meu boi”

O bumba meu boi já vai abusando. Ontem à noite as famílias que se recolhiam do espetáculo pela Rua do Sol, viram-se forçadas a dar volta por outra rua porque o bumba, que dançava em frente á casa do sr. Augusto Rosa embargava completamente o transito. Pedimos providencias á policia<sup>38</sup>.

No texto fica claro uma tendência do Boi maranhense em realizar seus Rituais de Morte em pelo menos dois dias e de contratar outras atrações para aglutinar um público maior. Os ensaios já eram realizados no mês de maio o que fica evidenciado na matéria do “Pacotilha” intitulada reclamações do povo de 31 de maio de 1916:

<sup>34</sup> FERRETTI, Mundicarmo (Org.). *Um caso de polícia!* Pajelança e religiões afro-brasileiras no Maranhão 1876-1977. São Luis: EDUFMA, 2015.

<sup>35</sup> PEDRAZANI, Viviane. *No “miolo” da festa: um estudo sobre o bumba-meu-boi do Piauí*. Tese (Doutorado em História Social) Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2010.

<sup>36</sup> FUNDAÇÃO da vila de São João da Parnaíba. *O Bembém*. Ano 2, n. 24, 21 de dezembro de 2009, p. 10.

<sup>37</sup> FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha (Org.). *Um caso de polícia!* Pajelança e religiões afro-brasileiras no Maranhão 1876-1977. São Luis: EDUFMA, 2015.

<sup>38</sup> FERRETTI, 2015.

Pedimos a atenção da policia para os infernais ensaios de “Bumba” que se realizam todas as noites á Rua de São Pantaleão, entre Cajazeiras e Santiago. Além do palavrório obsceno, vem algazarra acompanhada de rolos, etc<sup>39</sup>.

O ritual de morte do boi é um dos pilares da cultura de bumba boi do Maranhão. A grande maioria dos bois maranhenses morrem de setembro a outubro, alguns bois alternativos não realizam o ritual o que parece ter confundido alguns pesquisadores tendo em vista que os bois alternativos são minoria. O Ritual de Morte no Maranhão tanto na opinião de Regis Marques<sup>40</sup> quanto de Ribão<sup>41</sup> é mais forte nos Bois com sotaque de Matraca e Zabuma do que nos bois de orquestra. Ribão destaca os Rituais dos bois de Maracanã e Itapera, ambos localizados na ilha de São Luís. Regis Marques viu um Ritual de Morte pela primeira vez quando participou como amo do ritual do “Boi de Rampa”, da cidade de Humberto de Campos (MA). Cita os Bois de Guimaraes, Maracanã e Tamarineiro como exemplos de rituais de morte que foram ou são muito prestigiados. Em números Regis e Ribão também coincidem, cinco mil pessoas por noite nos principais rituais de morte de bois no Maranhão. A quantidade de dias é uma diferença marcante entre a Morte do Rei da Boiada, bem como a de todos os demais bois de Parnaíba, com os do Maranhão. Enquanto em Parnaíba, tudo se resolve durante uma tarde e uma noite, no Bumba Boi de Periz de Cima, por exemplo, nas proximidades de São Luís o Boi foge no final da primeira noite, é caçado na segunda e morto na terceira noite, onde acontece o ritual propriamente dito. No boi de Mamão de Santa Catarina não existe Ritual de Morte separado da ressurreição imediata do Boi. Marcio Guimarães, brincante e empresário de Boi, lembra que o Boi saía pela ultima vez no dia 10 de fevereiro e que ao voltar para a sua casa colocava os personagens no centro da roda e os destruía, não entendia a razão, mas passava uma sensação de fidelidade ao Boi, que nos serviu na temporada e que assim seu espirito descansaria até a próxima temporada, sem que ninguém pudesse fazer mau uso do brinquedo. Só se aproveitava a cabeça do boi, que era a própria ossada de um Boi, insubstituível e significava a identidade de cada grupo.

No Maranhão são comuns os rituais de morte durarem dois, três e até mesmo quatro dias. Já Batista<sup>42</sup> proprietário e Amo do Grupo cultural Rei da Boiada viu ritual de boi no seu bairro ainda criança, eram dois Bois, o Rei da Boiada e o Boi dos Morenos, um morria no segundo sábado de agosto e outro no terceiro sábado. Em Teresina as mortes se concentram entre os meses de agosto e setembro, alguns grupos chegam a realiza-lo em outubro<sup>43</sup>. Em Parnaíba enquanto Rei da Boiada é o primeiro a morrer no segundo sábado de agosto, tem boi que morre até mesmo em outubro como foi o caso em 2014 do boi Campina Verde do antigo bairro Cataventos, atual São Vicente de Paula. Em Parnaíba, entre os brincantes de boi se diz que o “boi mais fraco daqui é melhor que o mais forte de Teresina”<sup>44</sup>. A única voz dissonante é a do Bandeira<sup>45</sup> um entusiasta, por exemplo, do Boi Imperador da Ilha de Teresina. Os Bois de Teresina, Pedrazani<sup>46</sup> indica que foram reerguidos nos anos 70 com a ajuda do governo, incentivando por migrantes da região central do Piauí que migram para a capital nos momentos de crise da economia Piauiense e levavam consigo os seus saberes.

Carlos Penna Botto no livro *Meu exílio no Piauí*, talvez se constitua do mais antigo registro descritivo da brincadeira de boi em Parnaíba. Penna Botto chegou a Parnaíba em novembro de 1929 vindo do Rio de Janeiro para exercer a função de Capitão dos Portos do

---

<sup>39</sup> FERRETTI, 2015

<sup>40</sup> Amo do boi de Axixá.

<sup>41</sup> Amo do boi de Periz de Cima e cantor do grupo foliões.

<sup>42</sup> BATISTA, 2014.

<sup>43</sup> PEDRAZANI, 2010, p. 151.

<sup>44</sup> BATISTA, 2014.

<sup>45</sup> BANDEIRA, 2014

<sup>46</sup> PEDRAZANI, 2010.

Estado do Piauí, retornando ao Rio de Janeiro em agosto de 1930, passando, portanto o período Junino em Parnaíba. No texto sobre o boi Parnaibano publicado por Botto em 1931 se lê:

Outra coisa chocante em Parnaíba e que está a chamar a ação policial é o bacanal conhecido pela denominação de: “o boi”. Trata-se de grupos de caboclos e pretos, homens e mulheres, todos indivíduos desclassificados, que percorrem as ruas da cidade, de dia e a á noite, desde S. João (24 de junho) até S. Pedro (29 de junho), as vezes até mesmo 1 de julho. A frente de cada grupo váe, aos pinotes, um robusto negralhão fantasiado de “boi”; ao “boi” segue-se o tocador de um instrumento sonoro africano, uma espécie de tambor que emite sons mistos e plangentes, e atrás, aos saltos e gritos, uma quarentena de maltrapilhos, seminus, arquejantes, ébrios... E uma cena verdadeiramente africana, de uma selvageria impressionante! Por mais de uma vez foi despertado, alta madrugada, pela passagem barulhenta “Boi” pela porta as Capitania (?). No ultimo dia cada grupo “mata o Boi”, simbolicamente, no meio de uma orgia pandemônica!<sup>47</sup>

Do relato de Penna Botto podemos afirmar que existiam pelo menos 02 bois em Parnaíba em 1930, provavelmente 03 pela forma que o autor estrutura o parágrafo. Seriam provavelmente os três celeiros tradicionais, São José, Cantandivas e Ilha Grande de Santa Isabel? O boi já era brincado no mês de junho. Não sabemos quando esse auto do ciclo natalino tornou-se uma festa do período junino no Maranhão, Piauí e Amazônia. As lendas Maranhenses sobre dom Sebastião parecem sugerir que foi no Maranhão que o boi se tornou uma brincadeira junina. Nos anos 30, do século XX, segundo Penna Botto, a orquestra era formada por um único instrumento, um tambor. Quanto aos instrumentos temos os relatos de Raimundo Rocha<sup>48</sup> no Boletim da Comissão Maranhense de Folclore onde afirma estar o boi antigo “se modernizando e, com isto, perdendo o que tinha de mais original e mais belo. Sua pancadaria constituída por matracas, cedeu lugar a cuícas, pandeiros, tambor, maracás e apitos, que à distância imprimem um aspecto macabro à brincadeira”<sup>49</sup>. Mediante a análise das fontes não podemos afirmar quando o tambor foi introduzido em Parnaíba. Já a presença de mulheres nos anos 30 é precoce em Parnaíba. Nos anos 50, Benjamim<sup>50</sup> só fala na presença de homens. Teria se enganado o capitão que vira por duas vezes o boi passar na porta da sua Capitania? Ou o que teria feito às mulheres abandonarem o boi nos anos 50? Os brincantes são pobres, desclassificados, maltrapilhos, seminus. Caráter africano<sup>51</sup>. Quanto à presença de mulheres, o jornal *O Bembém* afirma que o boi “Era brincadeira de homem. E eram todos homens feitos, de uns trinta anos pra mais: estivadores, magarefes, cortadores de carnaúba... Cada um brincava pelo prazer de brincar ou por promessa feita a São João. E cada um pagava o custo de sua própria roupa”<sup>52</sup>. Quanto à condição financeira dos brincantes de boi, tanto em Parnaíba, quanto no Maranhão apontam para classes sociais desprivilegiadas economicamente. Nada encontrei sobre perseguições ao bumba boi, no *Livro Centenário da Parnaíba*, por exemplo, cultura é sinônimo de alta cultura, representada pela poesia. Os autores do capítulo “Segurança Pública e Criminalidade” só nos informam que “as medidas de saneamento, tomadas pelas autoridades policiais, tem conseguido bom êxito na repressão a prática do curandeirismo e baixo espiritismo”<sup>53</sup>, nada que nos fale diretamente sobre o boi. Em Parnaíba, na década de 20 surgia o *Almanaque da Parnaíba* principal periódico da cidade tendo como editores e Benedicto Jonas Correia e Benedicto dos

<sup>47</sup> PENNA BOTTO, Carlos. *Meu exílio no Piauí*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1931, p. 214- 215.

<sup>48</sup> Comerciante e escritor natural do Rio Grande do Norte radicado em São Luís, onde faleceu em 1969. Membro fundador da Comissão Piauiense de Folclore.

<sup>49</sup> ROCHA, Raimundo. Observando e anotando I, o bumba meu boi. *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore*, n. 47, agosto 2010.

<sup>50</sup> CADÊ os bois. *O Bembém*. Ano 6, n. 67, 21 de Julho de 2013.

<sup>51</sup> BOTTO, 1931, p. 215.

<sup>52</sup> CADÊ os bois. *O Bembém*. Ano 6, n. 67, 21 de Julho de 2013.

<sup>53</sup> CORREIA, Benedicto Jonas; LIMA, Benedicto dos Santos. (Orgs.). *O livro do centenário de Parnaíba: Estudo histórico, corográfico, estatístico e social do município de Parnaíba*. Parnaíba: Gráfica Americana, 1944, p. 237.



“Brincadeira de salão” é uma manifestação encontrada no município de Rosário, organizada atualmente pelo Sr. Manuel Rodrigues. Ele começou essa brincadeira no ano de 1980. Antes disso ele colocava apenas outra manifestação no período do Carnaval, “a Brincadeira do Galo”. Durante uma entrevista ele afirma que sua motivação para “botar” a brincadeira foi lembrar que na sua juventude, um senhor na cidade de Rosário conhecido por João, costumava animar as ruas com seus bichos e que após a sua morte, deixaram de fazer tal manifestação, então ele decidiu organizar um grupo.

Todo ano ele coloca a manifestação na rua com um grupo de foliões, geralmente do sexo feminino e das mais variadas idades, que brincam em cordões. Cada folião usa uma fantasia, que é comum a todos os brincantes, de acordo com as cores do bicho do ano, cantam e dançam de maneira rítmica. A figura central é representada por um bicho. Normalmente a cada ano o grupo apresenta um bicho diferente, apesar de que dependendo do ano pode ser repedido um bicho. A brincadeira costuma se apresentar no período junino a partir do dia 23 de junho.

## OS ANIMAIS

O bicho escolhido para brincar no ano é confeccionado por Sr. Manuel Domingues na sua casa, lá ele tem uma oficina para desenvolvimento de seu ofício de sapateiro e é nesse espaço que ele faz o bicho. O animal é esculpido em madeira, colocado em cima de uma tábua com um suporte de pau no meio, que lembra um cabo de vassoura.

Os animais que ele já esculpiu para a brincadeira foram o surubim, a garça, o carneiro, o bezerro, o leão, o tucano, a zebra, o tubarão e o guará. Além do galo que brinca todo ano no período do carnaval e somente em algumas ocasiões durante o São João.

## A MÚSICA

As músicas cantadas durante as apresentações, grande parte são criações dos organizadores da manifestação. O acompanhamento instrumental é feito por uma orquestra com saxofone, piston, tarol, banjo e castanholas.

## A ORIGEM

A origem dessa manifestação no Maranhão ainda necessita de investigação. Encontramos apenas duas referências bibliográficas sobre o assunto: a entrevista de dona Sebastiana do Rosário, publicado em 1997, na Coleção Memórias de Velho, Vol. 2, e o artigo intitulado “Cordões de Bichos” escrito por Lenir Santos e Jandir Gonçalves, publicado em 1998 no Boletim nº10, da Comissão Maranhense de Folclore. Sabemos que no Maranhão foram bastante comuns nas décadas de 30 e 40 do Século XX e eram conhecidas como: “Danças de Salão”, “Brincadeiras de Salão” ou “Cordão de Bichos”.

Os cordões de bichos ou pássaros são muito comuns na região amazônica, principalmente no Estado do Pará. A cidade de Belém abriga diversos grupos de Cordões que representam formas de teatro popular, tendo sua origem possivelmente no século XIX. Estão inseridos no ciclo joanino e geralmente se apresentam às vésperas de São João.

## REFERÊNCIAS

GOMES, Gleidson Wirllen Bezerra. **Cordão de Bicho Bacu: cultura popular como mídia radical alternativa na Amazônia**. Trabalho apresentado ao XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul, RS: setembro, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1996-1.pdf>. Acesso em 06/12/2015.





Nesse trabalho a autora apresenta dois textos introdutórios sobre a cultura popular maranhense. O primeiro é uma descrição sobre o Mercado Central de São Luís, procurando enfatizar seus aspectos sociais. Chama atenção para o conflito existente entre os vendedores e as instituições que exercem controle sobre eles, especialmente a Ceasa e a Comab. O segundo estudo é uma visão geral sobre o Tambor de Mina – manifestação de religião afro-brasileira no Maranhão, chamando atenção para o processo de mudança ocorrido e para problemas de pesquisa. Dá atenção especial a entidades espirituais caboclas, procurando dimensionar sua importância, definir sua função e sua forma de integração ao sistema religioso tradicional. A Mina é ali apresentada como manifestação cultural da população negra e não apenas como uma religião de origem africana.

Após a realização do mestrado, Mundicarmo Ferretti dedica-se intensamente aos estudos e pesquisas sobre a encantaria maranhense, particularmente o caboclo no Tambor de Mina. Os resultados são apresentados em congressos, reuniões científicas e transformados em artigos. Um conjunto dessa produção foi programado para o livro “*Cultura Popular: estudos e debates*” (São Luís, SIOGE, 1988), que por problemas técnicos de edição não chegou a ser distribuído. Esse projeto será posteriormente retomado na edição do livro “*Terra de Caboclo*” (São Luís, SECMA, 1994).

Os ensaios contidos em *Terra de Caboclo* enfocam, sobretudo, o Tambor de Mina e as entidades espirituais não africanas dessa prática religiosa. Sem negar a força da tradição religiosa de origem africana na cultura maranhense e, em especial, no Tambor de Mina, chama atenção para os “desdobramentos” da cultura africana ocorridos naquele Estado, para a existência ali de uma tradição religiosa afro-brasileira e para as características apresentadas pelas entidades caboclas que tornam o Tambor de Mina diferente de outras manifestações religiosas afro-brasileiras. O livro é complementado com as ilustrações de Ciro Falcão.

A experiência adquirida em uma década de estudos centrados no Tambor de Mina maranhense leva-a ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP onde realiza seu doutoramento. Tendo como tema as entidades espirituais caboclas no Tambor de Mina, a pesquisa é realizada em um terreiro de religião afro-brasileira de São Luís, procurando compreender a visão de mundo e experiência religiosa do grupo estudado – a Casa Fanti-Ashanti. A tese será publicada com o título “*Desceu na Guma: O caboclo do tambor de Mina no processo de mudança de um terreiro de São Luís – A Casa Fanti-Ashanti*”. (São Luís, SIOGE, 1993). Uma segunda edição foi publicada com o título “*Desceu na Guma: o caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luís – a Casa Fanti-Ashanti*” (São Luís, EDUFMA, 2000).

*Desceu na Guma* desvela um campo de estudos – o da encantaria maranhense, tornando-se referência do tema no país. Anos mais tarde, ao ser entrevistada por Vagner Gonçalves da Silva (2006), Mundicarmo Ferretti fala das dificuldades iniciais para obter informações, realizar observações e ter acesso aos rituais de entidade espiritual cabocla. Entre tantas dificuldades a pesquisadora foi se movendo em um campo em que predominava o interesse pelos orixás e voduns.

Outros trabalhos virão, reforçando o campo de estudos, ampliando-o empiricamente e incorporando questões e discussões conceituais subjacentes ao contexto, como religião, magia, mídia; discriminação religiosa. Essas reflexões perpassam o “*Encantaria de Barba Soeira: Codó capital da magia negra?*” (São Paulo, Siciliano, 2001). Nesse trabalho, o objetivo é descrever o Terecô – religião de origem africana tradicional de Codó (interior do Maranhão), a forma como ele foi e é encarado pelos terecozeiros, retratado na literatura e como aparece na mídia. Além de fornecer descrição de rituais e de colocar o leitor em contato com codoenses e pais-de-santo maranhenses, através de seus depoimentos, o livro suscita uma reflexão sobre diversidade cultural, discriminação religiosa e acusação de magia negra, envolvendo diversos segmentos da sociedade brasileira.

“*Maranhão encantado: encantaria maranhense e outras histórias*” (São Luís, UEMA Editora, 2000) é uma coletânea de narrativas sobre encantados, entidades espirituais não africanas recebidas em terreiros de Mina, Cura, Umbanda e Terecô. As histórias foram contadas em São Luís, Codó e Cururupu por pais e filhos-de-santo e por frequentadores de terreiros e recolhidos pela própria pesquisadora e pela Yalorixá Nina d’Ogum (Venina Barbosa). As narrativas fazem emergir do imaginário coletivo crenças que ganham forma no diálogo com os homens e no cotidiano da existência social, como a da princesa Rosalina, Mãe d’Água, Rei Sebastião, entre tantas outras. O livro conta ainda com os desenhos de Ciro Falcão.

Enquanto *Encantaria de Barba Soeira* e *Maranhão encantado*, os dois livros citados acima, são parte de um processo de trabalho realizado em terreiros de São Luís e de cidades do interior do estado (Codó e Cururupu), o projeto seguinte terá como campo o arquivo e documentos históricos localizados no arquivo histórico do Tribunal de Justiça do Maranhão. Nesse projeto a experiência da pesquisadora é compartilhada com alunos da graduação e pós-graduação, integrantes do grupo de estudos “Religião e Cultura Popular” (DCS-UEMA).

O resultado é apresentado no livro “*Pajelança do Maranhão no século XIX: processo de Amélia Rosa*” (São Luís, CMF-FAPEMA, 2004). A coletânea tem como centro de interesse um processo-crime do final do período escravocrata (1876-1878) movido contra Amélia Rosa – negra alforriada, cognominada “rainha da pajelança”, e nove mulheres negras do seu grupo. Na obra, a pajelança de Amélia Rosa é apresentada como manifestação religiosa de negros anterior ao aparecimento do Tambor de Mina e do Terecô, sincrética, mas autônoma em relação à igreja e organizações católicas. Além de comentários e interpretações sobre o caso de Amélia Rosa, encontram-se no livro a transcrição literal do processo-crime (transcrito pela historiadora Jacira Pavão) e de outros documentos relacionados a ele, localizados no Arquivo Público do Estado do Maranhão e na Biblioteca Pública Benedito Leite.

A produção acadêmica da professora e pesquisadora Mundicarmo Ferretti se reveste de uma importante referência para a antropologia e os estudos de religião afro-brasileira, incluindo, para além dos livros descritos, dezenas de artigos publicados em coletâneas e periódicos nacionais e internacionais. Entre estes artigos, gostaria de ressaltar àqueles publicados no Boletim da Comissão Maranhense de Folclore, a partir de 1993, propiciando a divulgação científica para um público mais amplo, incluindo, inclusive, os religiosos e frequentadores dos terreiros. Essa preocupação, no entanto, já se faz presente no projeto fonográfico de edição do LP – disco em vinil – produzido pela pesquisadora, em 1991, com o apoio do Governo do Estado do Maranhão. Com o título de “*Tambor de Mina, cura e baião na Casa Fanti-Ashanti*”, os registros sonoros, realizados *in loco*, contemplam doutrinas de orixás, encantados, caboclos, virada para a mata, música de cura e música de baião. Acompanha um encarte com texto sobre a temática, fotografias e ilustrações com desenhos de Paulo César Carvalho.

Mais recentemente a pesquisadora organizou o “Dossiê *Multiculturalismo, tradição e modernização em religiões afro-brasileiras*”, publicado no nº 21 da Revista Pós Ciências Sociais (EDUFMA), no segundo semestre de 2014. A edição reúne estudiosos interessados em refletir sobre as dinâmicas que perpassam as diferentes práticas inseridas neste universo religioso. Tomando como referência o Tambor de Mina do Maranhão, o Batuque do Rio Grande do Sul, o Candomblé da Bahia, a Umbanda do Sudeste e a Jurema nordestina, os artigos procuram trazer novas informações sobre esse campo religioso, analisar exigências de tradicionalismo e de modernização por elas enfrentadas na atualidade e discutir conceitos que vem sendo utilizados na interpretação de suas mudanças.

Os artigos publicados, ao longo do período de 1993 a 2014, no Boletim da Comissão de Folclore, foram atualizados e organizados por Mundicarmo Ferretti e Zelinda Lima na



a “madrinha Anéris”, que cuidou dela, quando a Casa das Minas era como uma grande creche. Dona Anéris era do mesmo vodum que tia Florência, ambas de Agonglô (grafado na Mina como Toy Agongône ou Agogônu). Ela lembrava com bom humor o quanto a educação era severa, mas as crianças na Casa das Minas conseguiam contornar e fazer da árdua disciplina - o jeito discreto e trancado das vodunsis jeje (marcas da escravização e medo) -, com muitas traquinagens. Contara que ela e muitas crianças gostavam de brincar com umas conchas enormes que ficavam nos “pés de Sinhá Velha”, referindo-se Nochê Naê, e à centenária cajazeira; dizia: fazíamos sucos bem doce, mas não se podia nem jogar pedra, nem derrubar (os cajás) porque os donos não gostavam (os “brancos”, os voduns). Ainda: quando os voduns desciam e iam pros seus quartos, ou pro *randechê* (sala de estar), ou pro *gume* (quintal), ou estavam até em *guma* (sala de danças) elas ficavam escondidas ouvindo o que eles falavam e cantavam. De repente, uma das vodunsis as via e gritava: “sai daqui, ‘nigrinhas’”, e lá elas corriam com medo porque a mistura de curiosidade infantil ao medo e temor às divindades fons era enorme, além das constantes alertas: “com sombra – os voduns – não se brinca”.

Relembrava com tristeza da morte de sua genitora, que no tempo de Mãe Andreza, estando na Casa das Minas, fora alertada pela sacerdotisa e matriarca mina jeje que não viajasse. Mesmo assim, a sua mãe insistiu e, indo de carona, num carro com grãos, que numa curva na estrada virou, levando-a ao óbito e deixando a menina Florência órfã.

Falava com muito bom humor dos “prodígios” de Seu Capinzinho (seu encantado), que ela chamava muito carinhosamente de “Bonitão”. Contava que seu noivo, o Senhor Sabará (falecido), juntou dinheiro para enxoval e casamento. Lá “Bonitão” achou o dinheiro debaixo do colchão e mandou chamar a turma do “Terreiro da Fé em Deus” e fez uma festa. Seu Sabará, mesmo assim, não deixou de amá-la nem de respeitar Seu Capim. Fez outra economia e lá Seu Capim repete o ato... Esse fato ela contava rindo, era algo muito mágico e prova de fé enorme. Depois, casou-se e foi tudo bem.

Recordava emocionada de “comadre Rosa” de Toy Akossu Sakpatá e Dom Miguel, a quem confiou a educação de Leila e Miguel (seus filhos biológicos); tinha uma devoção imensurável a São Miguel e Dom Miguel da Gama, levando com brilho a festa dessa família no “Terreiro da Fé em Deus”. Falava com carinho e saudade do “compadre Jorge”, Pai Jorge Itaci, de quem ela dizia que ia levar almoço - peito de frango, coisa que na época nem ela comia -, mas ia de ônibus levar pra ele no hospital.

Falava com amor das velhas vodunsis: falava de Mãe Dudú, falava de Dona Juraci, Dona Omojaci, “Vó Paula”, Margarida de Jotin. Se sentia feliz em acordar e ir pra “Fé em Deus”, pra estar presente, mesmo tendo sido proibida de dançar tambor e fazer esforços físicos, mas ela amava tudo aquilo. Gostava de fartura e dizia com orgulho que ela iniciou o bom costume de dar refeições após os toques de Mina pros tocadores e visitas. Falava assim: “esses meninos já trabalham tanto, dão um duro danando, às vezes não tem em casa nem o que comer e ainda dão um duro danado no tambor”.

Dizia com uma fé imensurável que esperava todo ano “Marcinho” chegar de São Paulo só pra falar com Seu Bonitão, com “Tia Chica” - referia-se assim a Seu Encantado, Seu Capinzinho de Gama, e a dona Chica Baiana (encantada de Márcio, do terreiro de Francelino de Xapanã). Ela sempre acolheu com o maior carinho os “meninos de Francelino”. Dizia até que, por causa da preferência do Pai Francelino em ficar hospedado na casa dela, lhe custou ciúmes do Pai Jorge. Quando era festa de Dom Luís, ela já ia dizendo: “chegou o primeiro no hotel... pode vir, aqui a Casa é de Agongône e Capinzinho”. E ia chegando: Pai Márcio, Marquinhos, Heraldito, Cristiane, Fábio Neiva, Edmar, Lana, Danil, Fábio de Aguê, João Victor, Duda, Ilawany, Robson; chegava turma de Manaus: Lucinha, Antonia, Rogério, Thaissa, pai Gilmar; chegava de Teresina: Lucas, Orlando, Izabel, Telmo, Ana Lívia, João Damasceno, Danielle,

Iamara, e ela só dizia: vão subindo, o hotel tá quase cheio”. Quando ia acabando a festa, ela ia dizendo com tristeza: “lá se vai mais um, o hotel tá ficando vazio”.

Adorava receber visitas. Quando ouvia a voz de Pai Wender, Pai Neto de Azile, Samira, Meirinha, Márcio de Ogum (de Olho d’Água), Pai James, Emanuel de Marimbeiro, Diogo de Macapá, Pai Costa Neto, Biúdo, Nê, Pai Abraham, Misés (João de Maeira), Pai Airton de Ogum, Pai Brasil, Mãe Simone, Concita, Kássia, Camen e tantos outros ela descia e ia cumprimentar. E dizia pra todo mundo: “não vá embora sem comer o ‘fejon”.

Aliás, esse fato vale ser lembrado. Os encantados Seu Baianinho, Seu Do Morro e outros foram passear na cidade de Alcântara. Lá um Francês viu Pai Miguel e ficou encantado e dizia que ele era idêntico a um filho que ele tivera com uma nigeriana. Seu Do Morro (incorporado em mãe Dedé) e seu Baianinho fizeram amizade com o “gringo” e disseram: “vamos levar o senhor pra se casar em São Luís”. O francês viu e se encantou com a viúva Florência. Lá ela o acolheu, sem saber da trama dos encantados. Ela dizia: o gringo tomou banho, dei a toalha; estava com fome e pedia “fejon” e dei o “fejon”. Tendo degustado o feijão de Tia Flor, o gringo pediu pra ir pra cama dela, pra se deitar. Aí ela falou: “já tomou banho, já comeu, agora quer ir pra minha cama? Eu não sou puta... rua, da minha casa”.

Lá na Varanda ela gostava de ler, assistir jornal, novela, conversar com Tia Ana Maria (comadre Ana). Quando queria falar algo, ela dizia assim pra mim: “meu Codozinho, vamos ali fofocar” e aí ficávamos a noite toda falando da vida, coisas boas da religião, eu me sentindo um aluno, um filho, uma criança com tantas lições de vida. Mês de agosto ela já guardava a camisa da festa, a lembrança e tudo. Era tão educada e hospitaleira que observava até o gosto de cada um e as preferências alimentares, e no almoço dizia: “fiz um bife pra você, tem camarão pra você, tem isso ou aquilo pra quem não gosta de peixe”.

Se arrumava com dignidade pra receber o seu vodum e seus encantados. Tinha Paixão pelo Senhor dela - Toy Agongone -, Nochê Naê, Seu Capim e toda a família da Gama, Seu Juracema, Dona Socorrinha, Índia Alumeia, Coli Maneiro e Seu Ricardino. Dizia sentir o peso da idade e queria usar só rosário de miçanguinhas e me incumbiu dessa missão. Assim o fiz e ela usava com enorme elegância e consideração. Há cinco anos assumi com esta senhora, a pedido de Seu Capim, nosso pai, que dizia: “estou em cima da velha aqui e como o senhor de Lissá, um vodum tão nosso, não está com um Gama? Vou dar uma “escaminha” (encantado da Gama) de presente. No dia de São Pedro trouxe a dávida, um encantado chamado Seu Guarapirá, filho de Dom Miguel, em nome de quem assumo as honras da Festa da Gama, com o mesmo carinho que a senhora (Mãe Florência) teve. Quando estávamos dormindo em cima, ela brigava com quem fosse, se nos acordasse, e dizia: “olha que meus meninos estão dormindo”. Quando eu acordava ela era sorridente, preparava e esquentava o almoço e fazia companhia.

Era a primeira a se levantar pra fazer o café; não admitia que se dormisse com louças sujas a pia (atrai eguns), não aceitava que quem quer que fosse comesse primeiro que ela, a dona da Casa; não nos deixava sair em jejum; antes de dançar tambor tem que se tomar um caldo, “porque encantado não tem hora pra ir, e saco vazio não segura em pé”; não gostava de palavrão nem brigas: “não gosto de gente mais saliente que eu”. Ia pra ginástica no SESC, ia pessoalmente fazer sua feira (no Monte Castelo e às vezes na Liberdade). Quando ia com algum de nós, lá era chamada por alguns de “maravilhosa”, e, quando perguntavam-na quem éramos, ela dizia: “meu filho? por que? sou preta, mas o pai dele era um alemão de olhos azuis” e saía sorridente. Lá na feira, quando ia com outro, já diziam: “outro filho?” e ela adorava tudo aquilo...

Adorava encantado, ria de mais com Seu Baianinho; falava de Seu Légua e Dom Miguel e os olhos transbordavam.

Ficou muito frágil com a morte prematura de sua filha Leila. Tinha um amor incondicional pelos netos. Tinha uma confiança religiosa enorme em seu filho Miguel e falava que ele era o companheiro dela de tambor. Lembrava que isso custou muito. Ainda falava da mágoa de Mãe Rosa, que não queria que o menino Miguel dançasse Mina, dizendo que ela já dança, e que não queria Miguel na Mina não. Este ainda foi levado pra Mãe Dudú da Casa de Nagô, pois Seu Baiano Grande estava “em cima” e pesava de mais em cima de Miguel.

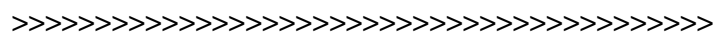
Nos nossos colóquios na varanda sobre seu Senhor, vodun Toy Agongone, a gente falando do significado do nome, Agonglô: “o raio atinge a palmeira, mas nunca o pé de abacaxi”, isso era o nome forte do rei, que dizia que os feitiços, guerras e traições não o abateriam. De fato, ela cumpriu com fidelidade a primeira sucessão da tradicional e renomada “Casa de Abê”, “Terreiro da Fé em Deus”, com o zelo e mesmo brilho. Sabia das suas tarefas e muitas vezes se via angustiada e dizia: “não quero inventar nada, fazer nada que não era feito; tenho vontade de voltar certas obrigações antigas: o pombo que dávamos pra Averekete no Tambor, a roda de Alauê que cantávamos cedo na festa de Alujá Guiô... É, quem viu, viu, quem não viu vai dizer que é invenção”...

Não se limitava à sua idade e sucessão em idade e saúde frágeis: era a primeira a chegar pro tambor e ficava até quando podia. Seu Capim não deixava de dar a sua nobre graça e presença e nem se furtava ao deleite de um copo de vinho ou cerveja. E, quando queria brincar, ainda ia deixar “a sua velha” em casa, gostava de ir andando, conversando e contando prosas. Só ia embora quando conferia o “bandeco” (comida) do seu filho Miguel, seu neto Andrey, sua nora Thaís, da neta Ayane, de Potyara, Heraldo e quem mais estivesse na casa. Mas ela não contava só com a comida da festa e dizia: “faço minha comida em casa, não conto com comida de festa”. Era fisioterapeuta, não gostava de ócio.

Assistia as missas no Santuário de Nossa Senhora da Conceição; era dizimista, dava esmolas. Gostava de rezar e falava: “não sei fazer feitiços, mas consigo todas as minhas graças nas minhas orações”. Era decidida e convicta de tudo o que fazia, mas não se hesitava em se abrir ao novo: comia cachorro quente, gostava quando alguém ia pra cozinha e dizia: “hoje temos cozinheiro novo”. Quando comprávamos refrigerante nunca nos esquecíamos da sua preferência pelo diet. Deliciava-se com camarões, e era exigente: “encomendo camarão de Tutóia porque são graúdos, saborosos e tem pouco sal”.

Tia Florência, a senhora foi tão cedo! Aquele adeus muitos não puderam dar. Sua doçura, sorriso cativante, fé, carinho, amor, ternura, experiência ficarão nas nossas lembranças. Poderia passar dias escrevendo sobre a senhora, mas a ternura e gratidão são experiências vivenciadas. Um AVC e complicações da diabetes ceifaram a sua vida. Não resistiu: passou, ao todo, mais de um ano internada na UTI do Hospital Português. Agora a senhora é uma estrela. O mesmo raio que cai à terra, mas que nunca atingirá nem fará mal a nós que estamos à sombra do pé de abacaxi, contemplando a sua mais linda flor. Mikan Savalú Hossú! Agonglô! Salve Agonglô, rei de Savalú! “O raio cai à terra, mas não atinge o pé de abacaxi”. Com carinho do seu sobrinho, filho, neto, amigo.

**Heraldo Alabiodan**  
de Vodun Toy Lissá



RESUMO E RESENHAS<sup>58</sup>

## TESE

SILVA, REGINA Célia de Lima e. **HISTÓRIA DO IMPERADOR CARLOS MAGNO E DOS DOZE PARES DE FRANÇA NA ENCANTARIA DO TAMBOR DE MINA MARANHENSE: do livro à voz no terreiro da turquia**. Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutora em Literatura Comparada. Niterói, 2015. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Magnólia Brasil Barbosa do Nascimento

## RESUMO

A presente pesquisa aborda a presença da narrativa *História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França* na *Encantaria* do Tambor de Mina como uma das matrizes influenciadoras do imaginário inserido nessa religião de origem africana. Pertencente à *Iyalorixá* Mãe Anastácia, o livro teve forte significado para o estabelecimento de sua casa, o Terreiro da Turquia, no século XIX, na cidade de São Luís (MA) e cuja entidade espiritual, recebida pela mãe de santo, Ferrabrás de Alexandria ou Rei da Turquia, deu nome àquele espaço sagrado. O objetivo é analisar, defender e comprovar que foi através da oralidade, e tudo o que está imbricado nela como a *performance* e o ritmo, que os filhos de santo de Mãe Anastácia conheceram as personagens do livro. Para tanto, autores como Walter Ong, Paul Zumthor e Muniz Sodré trazem os subsídios necessários para nossa tese. Além disso, por ser interdisciplinar, dividimos a tese em três blocos para sintetizar uma pesquisa potencialmente interminável. A primeira parte trata da narrativa em si, de como ela chegou ao Novo Mundo e do imaginário contido na mesma. Na segunda, ingressamos na *Encantaria* e chegamos ao Terreiro da Turquia. E na terceira e última parte, tratamos da oralidade. Os teóricos utilizados incluem Silvano Peloso, Jacques Le Goff, Mundicarmo e Sérgio Ferretti, Mircea Eliade e Walter Benjamin.

SILVA, Gisélia Castro. **CULTURA POPULAR E COMUNICAÇÃO CONTEMPORÂNEA NO BRASIL: televisão e o jornalismo na Bahia e no Maranhão – anos 2011/2012**. Tese. Salvador/Nanterre. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Milton Santos/UFBA; École Doctorale Lettres, Langues, Spectacles, Université Paris Ouest Nanterre La Défense. Salvador/Nanterre, 2015. Orientação: Profa Dra Edilene Dias Matos (UFBA) e Profa Dra Idelette Muzart-Fonseca dos Santos (Paris Ouest Nanterre La Défense).

## RESUMO

Esta tese analisa narrativas audiovisuais sobre cultos afro-brasileiros, especialmente, candomblé e tambor de mina nos estados Bahia e Maranhão, da região nordeste do Brasil, que foram veiculadas em jornais televisivos de emissoras afiliadas da Rede Globo de Televisão, como parte da programação local do maior conglomerado midiático do segmento privado de comunicação do Brasil contemporâneo. [...]. Buscou-se, nesse sentido, compreender e situar as estratégias de inserção do candomblé e do tambor de mina no telejornalismo e os sentidos difundidos de cultura popular por intermédio de vozes, de imagens e de sonoridades de narrativas audiovisuais sobre festas, eventos e personagens alusivos aos cultos afro-brasileiros.

ARAÚJO, Raimundo Inácio Souza. **O REINO DO ENCRUZO: Práticas de pajelança e outra(s) história(s) do município de Pinheiro - MA (1946-1988)**. Tese. Recife, Doutorado em História, UFPE, 2015. Orientação: Profa. Dra. Regina Beatriz Guimarães Neto.

## RESUMO

---

<sup>58</sup> Colaboração do GP Mina/UFMA – Coordenação Prof. Dr. Sergio Ferretti; membro da CMF.



Análise da história das práticas de pajelança no município de Pinheiro entre os anos de 1946 a 1988. A pajelança é uma prática cultural em que se entrecruzam elementos das culturas ameríndias, do catolicismo popular, do espiritismo, e das religiões afro-brasileiras. Seu horizonte de formação tem sido muito discutido entre antropólogos e historiadores, mas, no Maranhão, essa prática tem sido associada às religiosidades presentes entre as comunidades negras e quilombolas, onde gozou historicamente de grande popularidade. Sua realização tornou-se proibida legalmente a partir do século XIX. Essa proibição foi intensificada durante a década de 1940, especialmente após a promulgação da Lei de Contravenções Penais de 1942, o que levou os pajés a estabelecerem seus barracões no meio rural, distantes do alcance dos aparatos repressores da polícia. No período delimitado por esta tese, as práticas de pajelança dialogaram com grandes transformações em curso nacionalmente, em especial a intensificação do êxodo rural e a pluralização do campo religioso brasileiro. A presença dessa prática cultural no município de Pinheiro é analisada a partir dos relatos orais de pajés e migrantes da zona rural e dos documentos produzidos pela prelazia/bispado de Pinheiro. A análise das fontes indica que a Igreja Católica desaconselhava as práticas de pajelança, entendendo-as como causa e consequência da pobreza vivenciada naquela parte do estado do Maranhão. Mesmo diante das limitações impostas pela legislação e do desaconselhamento eclesiástico, esses rituais se mantiveram em reprodução durante todo esse período, em virtude de seu enraizamento no cotidiano das comunidades rurais onde o pajé era uma autoridade no plano dos cuidados terapêuticos. Ao mesmo tempo, pode-se notar deslocamentos significativos nas crenças e práticas da pajelança, à medida em que seus líderes buscaram acomodar nos ritos e no cotidiano as questões com as quais se deparavam naquela conjuntura adversa.

## **DISSERTAÇÃO**

**ALVES, Joana Golin. A RELAÇÃO ENTRE ARTESÃOS E DESIGNERS NO MARANHÃO CONTEMPORÂNEO.** Dissertação. São Luís, Ciências Sociais/UFMA, 2015. Orientação: Prof. Dr. Paulo Fernandes Keller.

### **RESUMO**

Esta dissertação tem como objetivo apresentar uma análise sobre a relação social entre as trabalhadoras artesãs e os profissionais designers, no caso da produção com a fibra do buriti no estado do Maranhão. Neste contexto investigamos os conteúdos de troca e cooperação presentes nesta relação e seus desdobramentos contemporâneos. Os profissionais designers chegam até as Associações e Cooperativas para o trabalho com as artesãs, intermediados por programas do governo federal e agências de fomento. Buscamos aprofundar o debate e a reflexão sobre as práticas de intervenção aplicadas pelos designers no objeto artesanal tradicional e os impactos gerados no processo de produção das artesãs.

## **MONOGRAFIA**

**NOGUEIRA, Juliana dos Santos. A TRAJETÓRIA E ATUAÇÃO DO MUSEU AFRO DIGITAL DO MARANHÃO COMO FERRAMENTA DEMOCRATIZANTE E EDUCATIVA.** Monografia. São Luís, Ciências Sociais, UFMA, 2015. Orientação: Prof. Dr. Sergio Ferretti.

### **RESUMO**

O presente trabalho de conclusão de curso pretende descrever a trajetória do Museu Afro-Digital do Maranhão, desde sua criação até o momento da conclusão do trabalho, visa mostrar ainda como a tecnologia digital pode auxiliar na divulgação e promoção da cultura popular maranhense na época atual, de fluidez e agilidade na transmissão da informação. Levantam-se também reflexões e sugestões, que poderão ser utilizadas como ferramenta básica para pensarmos em projetos de educação museal no contexto afro cultural maranhense.



Depoimentos – uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense, Secma/CCPDVF-1997 – Heidimar Marques dá depoimentos ricos em histórias sobre o passado opulento de Alcântara.

### **PAPETE SILENCIA AOS 68 ANOS**

José de Ribamar Viana – Papete, cantor, compositor, instrumentista e boieiro silencia sua percussão e voz que difundiram os sotaques da música popular maranhense mundo afora. Morreu dia 26 de maio devido a um câncer de próstata; foi velado na Casa do Maranhão, Praia Grande, no Centro Histórico de São Luís; e cremado dia 28- suas cinzas depositadas no Rio Mearim, em Bacabal, conforme seu desejo em vida.

### **ANA BAILARINA**

Imagem que guardamos: “Ana dançando ballet nas proximidades do Teatro Arthur Azevedo”, enquanto aguardávamos o início de algum show, festival de música, de guarnicê, peças ou espetáculos de dança. Tinha-se a impressão de que ela estava com determinada música na cabeça e emitia passos graciosos. Nós, digo nós, porque éramos um grupo do coral que sempre estávamos no teatro e a “menina bailarina” chamava a nossa atenção. Morreu em março, vítima de um assalto, em São Luís, na BR-135, quando retornava de um evento. Ana Duarte faria 52 anos dia 25 de junho de 2016.

### **TERREIRO DO EGITO NA 14ª SEMANA NACIONAL DE MUSEUS**

Nesta edição de 2016 a Semana Nacional de Museus, 15 a 22 de maio, teve como tema “Museus e paisagens culturais” que envolveu 1.200 museus por todo o país. A Semana acontece em comemoração ao Dia Internacional de Museus, dia 18 de maio. No Maranhão tem ações em São Luís, Caxias, Alcântara, Araióses e Carolina. Em São Luís a Semana ocorreu na comunidade do Cajueiro, zona rural da Ilha – área Itaqui-Bacanga – tendo como subtema “Os Museus e as Paisagens Culturais da Comunidade de Cajueiro de São Luís/MA”. Essa comunidade se destaca não só por ser uma ocupação social formada por pescadores, agricultores e extrativistas, mas também porque encontram-se em seu território sítios arqueológicos e o local onde funcionou um dos mais antigos terreiros de culto afro do Brasil, o Terreiro do Egito, que, de acordo com moradores, foi um quilombo antes da abolição da escravatura. “Na programação de abertura constou a apresentação do projeto da 14ª Nacional de Museus; a palestra: A relação entre paisagem cultural e natural na comunidade do Cajueiro: meio ambiente e seus habitantes”; e a palestra: “Reconstrução da história e a importância do Terreiro do Egito para a Comunidade”. O evento foi promovido pelo **Ibram**-Instituto Brasileiro de Museus e pela **Nave**-Instituto em prol da Natureza, Arte, Vida e Ecologia. O evento foi coordenado por Carolina Ramos, diretora do Museu Histórico e Artístico do Maranhão, em parceria com 16 instituições museológicas e 14 artistas ludovicenses, e com a participação da CMF e do GP Mina/UFMA, através de seus membros que pesquisaram casas de culto que se originaram do Terreiro do Egito e recolheram fotografias e objetos para uma exposição realizada no Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, - Galeria Zelinda Lima - espaço ligado à SECTUR, coordenada por Juliana Noronha (do Museu Afro Digital - [www.museuafro.ufma.br](http://www.museuafro.ufma.br) ). O tema foi importante para sensibilizar as pessoas ao estabelecer uma conexão entre a produção cultural ali presente, instituições participantes, estudiosos e interessados.

### **CASA DAS MINAS CONVIDA**

Todos os interessados a participar de mais uma noite de folguedo a ser realizado no dia 28 do mês de junho, a partir das 21h, na Casa das Minas (Rua São Panteleão, nº 859), em homenagem ao vodun Nochê Sefhazin e ao glorioso São Pedro com apresentações de vários grupos de bumba meu boi: Maioba, Maracanã, Madre Deus, Mata, Bairro de Fátima, Santa Fé, Pindaré, Oriente, Penalva, Lírio de São João, Liberdade, Itapera de Maracanã, Cacuriá de Teté e Boi da Floresta, após as apresentações haverá uma ladainha para o glorioso São Pedr

**PERFIL DE CULTURA POPULAR  
P A P E T E**

**José de Ribamar Viana**  
(08/11/1947 – 26/05/2016)

*Sergio FERRETTI<sup>60</sup>*



O cantor, compositor, poeta, instrumentista e pesquisador da cultura popular maranhense Papete, que nos deixou em MAIO deste ano, nasceu em Bacabal e mudou-se para São Paulo na década de 1960. cursou Comunicações, estudou percussão, conheceu e trabalhou com o pesquisador e publicitário Marcos Pereira, que mapeou a cultura musical do Brasil, colaborando em 1976 como pesquisador, cantor e músico – violão e percussão -, no disco **Musica Popular do Norte**. Em 1978 lançou em “Discos Marcus Pereira”, com grande sucesso, o antológico disco da história da música maranhense, **Bandeira de Aço**, consagrando-se internacionalmente como compositor, cantor e percursionista.

Como músico trabalhou com os maiores artistas da música popular como Paulinho da Viola, Chico Buarque, Martinho da Vila, Rita Lee e muitos outros. Considerado como o melhor percursionista brasileiro, participou de grande número de eventos no Brasil e no exterior.

Vinha sempre ao Maranhão pesquisar música e fazer apresentações, ganhou grande prestígio nacional e internacional e divulgou sempre a música de artistas maranhenses. Apaixonado pela música maranhense, sempre passava o período junino se apresentando em sua terra onde era amigo dos maiores produtores de nossa música popular.

Em 2015, Papete lançou o livro “**Os senhores Cantadores, Amos e Poetas do Bumba Meu Boi do Maranhão**”, resultado de longa e minuciosa pesquisa sobre o Bumba boi e a cultura popular que sempre o inspirou, acompanhado de um CD e de quatro DVDs, ilustrado com fotos e músicas de compositores e artistas populares maranhenses. Reuniu e divulga nesta obra fotos e informações sobre poetas e cantadores de boi dos sotaques de Orquestra, de Pindaré, de Zabumba, de Costa de Mão e sobre o Boi Barrica. O trabalho foi enriquecido com depoimentos de especialistas da cultura popular com grande número de fotos coloridas de personagens do Boi: homens, mulheres, velhos, jovens e crianças que participam do universo do Bumba meu boi, retratados pelo fotógrafo Márcio Vasconcelos.

Papete idealizou este livro durante longos anos procurando e documentando depoimentos dos mais famosos cantadores, amos e poetas do Bumba meu boi do Maranhão. Temia que muitos morressem antes de serem documentados. De fato diversos personagens importantes aqui retratados infelizmente já tinham partido quando o livro foi lançado em fins de 2015. Devido ao grande esforço de Papete para conseguir parcerias que permitissem sua publicação, esta obra veio enriquecer a pesquisa e a documentação sobre o Bumba meu boi do Maranhão com músicas, fotos, depoimentos e gravações de grandes expoentes de nossa cultura popular. Papete não está mais entre nós, mas o seu nome e a sua música jamais serão esquecidos no Maranhão.

<sup>60</sup> Antropólogo; membro da CMF.

